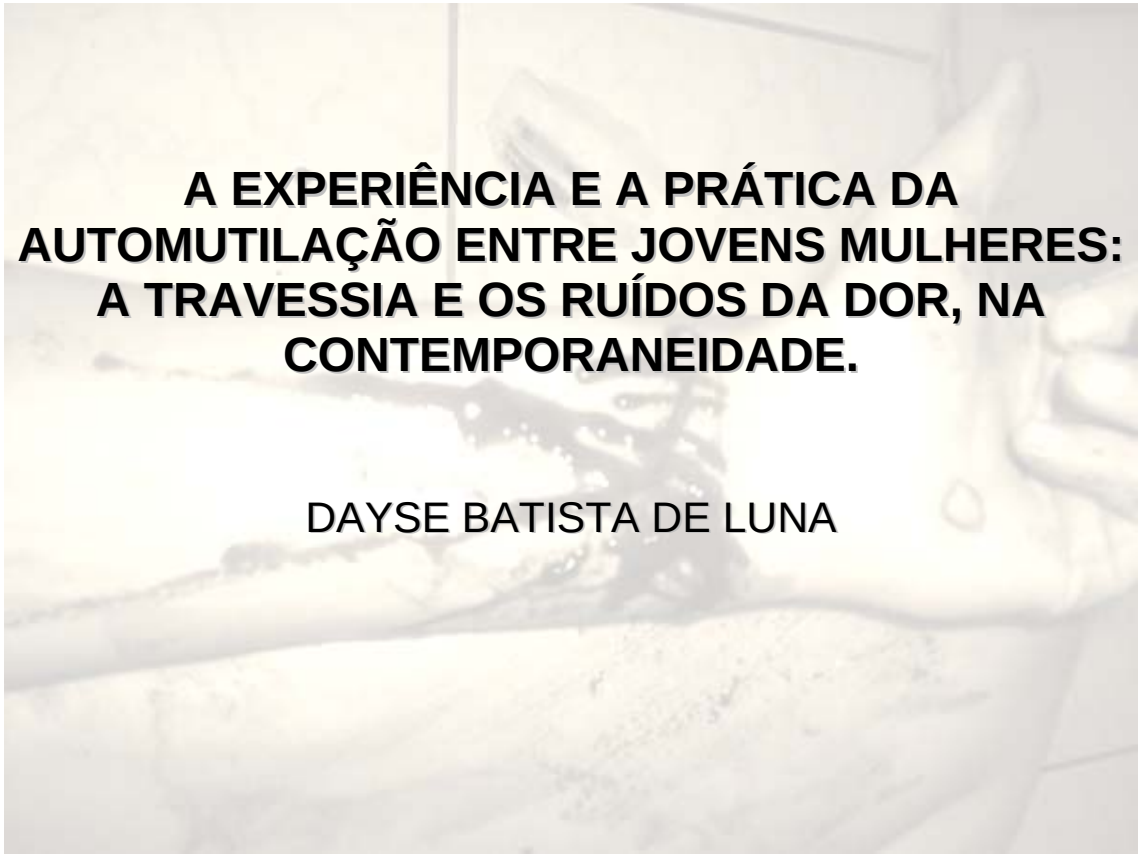
DAYSE BATISTA DE LUNA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO ENTRE JOVENS MULHERES: A TRAVESSIA E OS RUÍDOS DA DOR, NA CONTEMPORANEIDADE.

DAYSE BATISTA DE LUNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA-UFPE como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Professor Dr. Russel Parry Scott.e co-orientação da Professora Dra. Liana Lewis.

RECIFE, 2010.

Luna, Dayse Batista de

A experiência e a prática da automutilação entre jovens mulheres : a travessia e os ruídos da dor, na contemporaneidade / Dayse Batista de Luna. - Recife: O Autor, 2010.

125 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. 2010.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Antropologia. 2. Automutilação. 3. Mulheres jovens. 4. Classe média. I. Título.

39	**CDU (2. ed.)**	**UFPE**
390	**CDD (22. ed.)**	**BCFCH2010/136**

DAYSE BATISTA DE LUNA

"A EXPERIÊNCIA E A PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO ENTRE JOVENS MULHERES A TRAVESSIA E OS RUIDOS DA DOR, NA CONTEMPORANEIDADE".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 31/05/2010.

BANCA EXAMINADORA

Russell Parry Scott

Profº Drº Russel Parry Scott (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Liana Lewis

Profª Drª Liana Lewis (Co-Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFPE

Luis Felipe Rios

Profº Drº Luis Felipe Rios do Nascimento (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Jaileila de Araújo Menezes Santos

Profª Drª Jaileila de Araújo Menezes Santos (Examinadora Titular Externa)
Centro de Educação - UFPE

Para minha filha, Liana, redenção e rendição
da minha vida, com todo amor.

Filha adorada, você é o laço do meu infinito
particular.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o fenômeno da automutilação, mediante os sentidos conferidos por um grupo de jovens mulheres que o praticam. Este fenômeno caracteriza-se por atos de violência infligidos por essas mulheres aos seus corpos. A escolha dos sujeitos da pesquisa relaciona-se ao fato de que a maioria dos praticantes ser composta por mulheres, entre 16 e 30 anos, oriundas das camadas médias da sociedade brasileira. A metodologia utilizada ancora-se nas técnicas e métodos da pesquisa qualitativa, tem o caráter de um estudo exploratório, devido a ser um campo pouco explorado pelas Ciências Sociais. Pretendi, nesta exploração, compreender o significado sociocultural desta experiência, um comportamento contemporâneo, analisando as narrativas dessas jovens. Foram utilizadas entrevistas não-estruturadas, depoimentos escritos nas comunidades do ORKUT e em blogs, com intenção de escutar as vozes dessas jovens que vêm utilizando as inscrições corporais como veículo de expressão dos seus sofrimentos. As primeiras incursões no campo apontaram que a prática da automutilação reveste-se de um movimento de velamento e de desvelamento, conforme a audiência selecionada entre os que poderiam saber da ocorrência do fenômeno e os que não poderiam ter acesso a esta informação. Na tentativa de desvendar os significados da automutilação para estas jovens, alguns elementos de suas narrativas tornaram-se recorrentes, o que direcionou a ênfase da interpretação em três eixos analíticos: os conflitos relacionados a grupos específicos (família, escola, pares); as instâncias de disciplinamento na socialização das jovens; e as estratégias e os usos do corpo como espaço de comunicação dos sofrimentos vivenciados pelas praticantes da automutilação. Procurei, através da articulação desses focos de interpretação, compreender os processos que dotavam esta experiência de inteligibilidade para as jovens que vivenciam o drama de se violentarem fisicamente.

Palavras-chave: Automutilação; Mulheres; Poder; Corporalidade

ABSTRACT

This research aims at understand the phenomenon of self-mutilation, upon the directions given by a group of young women who practice it. This phenomenon is characterized by acts of violence inflicted by these women to their bodies. The choice of research subjects related to the fact that most practitioners to be composed of women between 16 and 30 years, coming from the middle strata of Brazilian society. The methodology is anchored in the techniques and methods of qualitative research, has the character of an exploratory study, because it is a scarcely investigated by the Social Sciences. Intended, in this exploration, to understand the sociocultural significance of this experience, a contemporary behavior, analyzing the narratives of these young people. We used unstructured interviews, written texts on Orkut communities and blogs, with the intention of listening to the voices of these young people who have been using the body as a vehicle for expressing their sufferings. The first forays into the field indicated that the practice of self-injury is of a movement of veiling and unveiling, according to the selected audience among those who might know of the occurrence of the phenomenon and those who could not have access to this information. In an attempt to unravel the meanings of self-mutilation for these young people, some elements of their stories have become recurrent, which directed the emphasis of interpretation in three analytical axes: the conflicts related to specific groups (family, school, peers); instances of discipline in the socialization of young people and strategies and the body uses as a communication space of the suffering experienced by practitioners of self-mutilation. I looked through the articulation of these outbreaks of interpretation, understanding the processes that endowed this experience of intelligibility for young women who experience the drama of physically raped.

Keywords: Self Injury; Women; Power; Body

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Russel Parry Scott, a quem atribuo grande parte das minhas aprendizagens acadêmicas, no PPGA. Agradeço por cada palavra, cada ponderação, cada aceno aprovando ou discordando das minhas reflexões. Jamais esquecerei o cuidado, a disponibilidade e a sabedoria presentes tanto na sala de aula, quanto nos momentos de orientação.

À minha co-orientadora, Liana Lewis, por toda a dedicação, paciência, estímulo, suporte intelectual e afetivo. Obrigada por ter compartilhado e amparado os meus tropeços e vibrado com os meus acertos.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

Ao apoio, atenção e estímulo intelectual do professor Antonio Motta e das professoras Lady Selma Albernaz, Marion Quadros e Vânia Fialho.

Aos funcionários e às funcionárias da secretaria do PPGA.

À Capes e à Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, pelo estímulo e pelo suporte financeiro.

À Liana Luna van Drunen, minha profunda gratidão pela sabedoria, pelo estímulo, pela fé e pelo amor constantemente impressos na nossa parceria de mãe e filha.

Aos amores de sempre, **Rosa e Edinaldo**, mãe e pai, por toda entrega e amor.

Às minhas tias-mães, Rosália e Rosamaria, por todo amor e cuidado que me dedicam.

Aos amigos-parentes que tornam a minha existência mais feliz: Jane, Lucas, Lara, Mariana, Cláudia Moema, Joana D'Arc, Liliana, Rosane, Alethéa, Roberta, Moniquinha, Marcelle, Carol, Ana Carolina, Amanda, Fox, Julie, Eda, Ana Paula, Laura, Graça, Marcinha, Flavinha, tio Márcio, D. Helena, Nanda, Marília, João Ricard, Lucas Melo, Rafael, Marcelo e Gigi.

Às minhas irmãs do PPGA, Claudinha, Jeíza e Michele, por todo amor que compartilhamos, pelos caminhos percorridos e pela entrega.

À turma do mestrado/ 2008, meu afeto e agradecimento por todas as trocas, parcerias e afeto.

À Luciana Lira, pela generosidade de sua colaboração.

Aos membros das comunidades pesquisadas no ORKUT, pela disponibilidade, carinho e confiança. Esperança de dias felizes e “Força”. Obrigada pelos momentos preciosos partilhados. As batalhas travadas, cotidianamente, por cada uma, permeiam cada palavra deste trabalho.

Viva a Vida!

À memória de Tatiana Monteiro, meu afeto, minha gratidão e minha saudade. Voa, Fênix!

SUMÁRIO

I.INTRODUÇÃO.....1

CAPÍTULO 1. UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: A BUSCA POR ALGUMAS SENDAS.....11

1.1 A ABERTURA DO CAMPO: REAL E/ OU VIRTUAL?.....19

1.2 CAMINHOS E ATALHOS: A FRUIÇÃO DO CAMPO.....22

1.3 O CAMPO EM SI, POR SI E A PRESENÇA DA PESQUISADORA.....25

CAPÍTULO 2. SILÊNCIOS, RUÍDOS E GRITOS: OS CONFLITOS E A EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO.....36

2.1 SILÊNCIO, (QUASE) NINGUÉM PODE SABER!.....50

CAPÍTULO 3. A (IN) DISCIPLINA NA EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO.....58

3.1 IN (DISCIPLINA) E DISPOSITIVOS DE PODER.....63

CAPÍTULO 4. CORPOS: DO SOFRIMENTO AO PROTAGONISMO.....82

4.1 CORPOS FERIDOS: A TRANSPOSIÇÃO DAS “DORES DA ALMA” PARA AS “DORES FÍSICAS”.....86

4.2 TERRITÓRIOS DE PROTESTOS: A EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO.....94

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....102

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....110

GLOSSÁRIO.....117

ANEXO.....118

I. INTRODUÇÃO

Em nossas trajetórias recolhemos fatos, paisagens, sabores, texturas, afetos e saberes. Adquirimos um repertório, ensaiamos visões de mundo, encontramos, com aproximações e distanciamentos, o Outro e nos deparamos com a diferença, com a alteridade. As relações que tecemos com os outros que atravessam os nossos caminhos constroem possibilidades e sensibilidades, afetando as nossas escolhas.

A ocupação e o cuidado com as culturas jovens orientaram as minhas buscas por uma *práxis* e por um aporte teórico que subsidiassem a convivência com estes grupos. O trabalho com jovens de camadas médias, coordenando o Ensino Médio de uma escola em Recife foi uma experiência desafiadora, na medida em que as problemáticas vivenciadas por estes sujeitos demandavam estratégias e soluções que se ajustassem às suas necessidades.

Foi na convivência com estes jovens que tomei contato com o fenômeno que se tornaria o tema gerador deste estudo. Há uma série de comportamentos que constituem a passagem da adolescência para a vida adulta, como os conflitos intergeracionais, a escolha da profissão, as relações afetivas entre os pares, as angústias e inseguranças forjadas pelos lutos simbólicos etc.

Além das crises e problemas característicos da travessia da juventude, surgiram relatos que destoavam das aparentes configurações familiares apresentadas no cotidiano escolar. Algumas estudantes solicitavam uma maternagem, um aconchego e até mesmo uma identificação que diziam não encontrar em suas relações familiares. Estabelecidos os primeiros contatos e laços, começavam as falas repletas de queixas, angústias e medos.

Havia os casos de violência simbólica e de violência física sofridas por algumas jovens, existiam também os desabafos sobre a falta de diálogo e a

troca de afetos, as insatisfações com o desempenho escolar, a auto-estima abalada pelos episódios de “BULLYING” [1] na escola etc. Além destas situações características da vivência escolar, começaram a eclodir problemas relacionados à construção das identidades corporais, quando algumas jovens começaram a apresentar transtornos alimentares (bulimia e anorexia) cada vez mais visíveis e na pauta das discussões, tanto acadêmicas quanto na sociedade de modo geral.

Esses transtornos alimentares, bastante veiculados na mídia, eram temas de encontros entre famílias e escola, e as jovens que os desenvolveram contavam com atendimento médico e psicológico. Porém, manifestou-se um novo comportamento desconhecido para mim, logo após a descoberta dos casos de anorexia e bulimia: a prática da automutilação.

Percebi que duas jovens começaram a usar faixas nos pulsos, imaginei que era algum modismo. Passei a desconfiar dessas faixas quando notei que estas estudantes apresentavam uma oscilação emocional acentuada. Depois de algumas conversas, elas contaram que haviam cortado os pulsos com giletes e aquela não tinha sido a primeira vez. Preocupada com este comportamento de risco, enveredei por uma pesquisa na internet a fim de colher informações. Encontrei pouquíssimos textos acerca da temática, mas encontrei algumas comunidades no ORKUT[2] que reuniam pessoas que faziam a automutilação.

---

1 O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima, que finda por incorporar os rótulos. www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm

2 O ORKUT é um site de relacionamentos, onde as pessoas criam um perfil e adicionam amigos/amigas, conhecidos/ desconhecidos, trocando mensagens, postando fotos e participando de comunidades temáticas. Estas comunidades são criadas por usuários do ORKUT e agregam membros que se identificam com os assuntos tratados. ORKUT é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do ORKUT pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. (Transcrição do site)

Pesquisando na internet, constatei que existem diversas nomeações para a automutilação que é considerada como um conjunto de técnicas, rituais, práticas e experiências realizadas para infligir dores ao próprio corpo. A automutilação (AM)[3], também conhecida nos meios virtuais como autolesão (AL), autoflagelo, autopunição e *cutting,* corresponde a formas de lesão provocadas deliberadamente por uma pessoa em seu próprio corpo, sem que haja uma intenção explícita de suicídio. Os atos praticados podem ser vistos, aparentemente, como tentativas de aliviar as emoções insuportáveis, sensações de não-pertencimento, de irrealidade, dentre outros[4]. Caracteriza-se por ações de autoflagelação como, por exemplo, cortes (com giletes, estiletes, tesouras, cacos de vidros, lapiseiras etc.), queimaduras, arranhões, mordidas, murros, chicoteamento, enforcamentos momentâneos, apertar ou reabrir feridas, ingestão de produtos corrosivos, remédios e alfinetes.

O perfil dos praticantes da automutilação é composto por jovens mulheres (com idades entre 16 e 30 anos), oriundas das camadas médias, estudantes do Ensino Médio – poucas terminaram um curso superior, solteiras, sem filhos/filhas, dependentes economicamente das famílias e praticamente sem experiência profissional.

Diferente de outras modificações corporais (tatuagens, piercings, branding, suspensão corporal etc.)[5], a automutilação não está ligada a questões de ornamentação, nem a rituais religiosos, nem a superação da dor física; existem outros sentidos nesta experiência. É a interpretação destes sentidos que mobiliza esta pesquisa.

---

3 Ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo. Fonte: DeSC – Descritores em Ciências da Saúde.
4 Explicações recolhidas por meio de conversas informais com as automutiladoras.
5 As definições destas modificações corporais estão no glossário.

Diante de tantos mecanismos existentes para enfrentar os sofrimentos impostos pelo cotidiano, por que essas jovens optaram pela prática da automutilação? Quais os significados que elas imprimem ao autoflagelo a que se submetem?

A fim de encontrar recursos teóricos e metodológicos para proceder esta investigação, a antropologia apresentou-se como solo epistemológico para aproximar-me do fenômeno da automutilação. Pretendi, nesta exploração, compreender o significado sociocultural desta experiência, um comportamento contemporâneo, analisando as narrativas dessas jovens.

Durante as investigações sobre a automutilação, esta apresentou uma dinâmica singular no que se refere ao que pode ser visto e o que não pode, além do que as jovens selecionariam as audiências para as quais a AM pode ser desvelada ou velada. Foi, então, que decidi delimitar o espaço que, inicialmente, forneceu informações sobre a AM, como o ambiente das minhas observações e de trabalho de campo, na medida em que a internet apresentava-se como uma fonte mais aberta para a coleta de dados. Estas jovens publicizam as suas dores e sofrimentos em comunidades do ORKUT na internet, ambientes que servem como o lócus de exibição dos mínimos detalhes que caracterizam as experiências automutilatórias No ambiente virtual a audiência tem acesso aos processos que constituem o fenômeno, enquanto que as redes de relações imediatas, sem a facilitação da internet, não podem ter conhecimento de que essas jovens praticam a automutilação.

Neste jogo de velamento/ desvelamento, pude perceber que havia uma necessidade, por parte de todas, de serem escutadas, de contarem as suas histórias para alguém que ocupasse uma posição diferente em suas vidas. Ou seja, desejavam comunicar-se com uma pessoa que não pertencesse às suas relações familiares, afetivas, escolares e de proximidade, nem fosse uma praticante da automutilação. Esta abertura possibilitou uma circulação bastante

fluida no campo de investigação, pois a credibilidade de ser uma pesquisadora, credenciada pela universidade, comprometida com a ética e com a confidencialidade, estabeleceu laços de confiança. As dificuldades que surgiram no campo se deram pelo excesso de aproximação entre pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, o que exigiu novas formas de abordagens e uma mudança na minha postura.

À medida que transitava nas esferas virtuais e estabelecia contato com os sujeitos da pesquisa, comecei a identificar alguns episódios e sentimentos recorrentes em suas falas. Dentre as questões mais citadas como fatores de insatisfação com as suas vidas, destacaram-se três dimensões geradoras de angústias e de sofrimentos para essas jovens: os conflitos familiares e intergeracionais, as esferas de disciplinamento e as estratégias e os usos do corpo como depositário e veículo da comunicação desses sofrimentos.

Estabeleci estes temas (sempre presentes nas narrativas das jovens) como eixos analíticos da pesquisa orientando, assim, os aportes teóricos e metodológicos adequados para a exploração do problema. Optei por estabelecer diálogos entre alguns autores, cujas obras mais se afinavam com a perspectiva adotada neste estudo. Apoiei-me sobre a produção teórica dos seguintes autores/ autora: FOUCAULT (1980, 1988, 1990, 1996), de BUTLER (2003), CSORDAS (2008) e de LE BRETON (2006, 2007). Cada um desses forneceu elementos que me ajudaram a articular os conflitos, os dispositivos de disciplinamento e a questão da corporalidade.

A organização da apresentação escrita desta pesquisa deu-se através do trajeto realizado durante o processo de interpretação e análise das informações recolhidas no campo de trabalho. Os capítulos foram dispostos conforme um eixo de interpretação conectava-se ao outro, numa perspectiva de encadear a teia de sentidos contida em cada eixo de análise

No primeiro capítulo, descrevo a metodologia desenvolvida, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os objetivos, o universo abordado, assim como o campo investigado. Seguindo as noções de uma pesquisa de caráter exploratório, as ferramentas das pesquisas qualitativas foram o norte das técnicas e caminhos trilhados em todos os momentos desta investigação.

No segundo capítulo, faço uma discussão acerca de um aspecto importante observado na pesquisa, a predominância de jovens mulheres no que se refere à automutilação, fato que desencadeou reflexões e a elaboração de conexões que pudessem esclarecer: os processos que acompanham o "tornar-se mulher", as prescrições de um modelo familiar ainda ancorado em valores e princípios remanescentes do patriarcado, os conflitos intergeracionais, sendo a automutilação uma forma de solução encontrada para resolver os sofrimentos provenientes dessas vivências.

Estes conflitos que envolvem choque de valores, relações de poder, afetividades, violências simbólica e física, questões de gênero são trabalhados neste segundo capítulo. Neste contexto dos conflitos, há uma ênfase no tensionamento das relações entre mães e filhas, que perpassa não apenas pelas disputas comuns a construção das feminilidades, mas vai além, configurando, inclusive rupturas desses vínculos. Os conteúdos desses conflitos foram analisados no intuito de elucidar as relações engendradas entre as jovens e as redes sociais das quais participam, levando em conta as diferenças entre as audiências, aquelas para as quais a AM é velada e aquelas para as quais é desvelada.

Encadeadas com esses conflitos aparecem tanto nas relações intergeracionais quanto nas esferas de disciplinamento, cujas atuações têm sido repelidas pelas praticantes da automutilação. Estes mecanismos de controle e ordenamento são elementos fundamentais para entendermos alguns

comportamentos dessas mulheres como uma forma de resistir ou até mesmo subverter o *status quo*. Uma questão que permeou toda a reflexão sob esse foco de análise foi “como a disciplina produz sujeitos?”

Levei em conta uma perspectiva interpretativa inspirada em Butler (2003) que foi a noção de *performance de gênero,* cujo entendimento perpassa pela visão do sujeito que carrega com ele uma duplicidade, sendo as performances estratégias de sobrevivência acionadas em sistemas compulsórios. Neste sentido, estabeleci uma reflexão sobre as exigências, explícitas ou não, da sociedade contemporânea: adequação aos padrões estéticos ditados pela mídia, “fazer sucesso”, aparentar ser feliz, exibir-se (pelo menos por “quinze minutos”!), ser competente e competitivo, ou seja, parecer ter “dado certo na vida”.

A partir desta reflexão, procurei identificar a quais expectativas sociais essas jovens desejavam corresponder, de que forma as estruturas de controle e disciplinamento geravam conflitos que não eram suportados e, se o fato de não se sentirem pertencendo a este sistema, as impulsionava para a autopunição.

No terceiro capítulo, faço uma análise das estratégias e usos do corpo na experiência da automutilação. As considerações realizadas sobre os conflitos vividos, juntamente com as formas de enfrentamento dos aparatos de disciplinamento criadas por essas jovens culminaram na centralidade ocupada pela manipulação dos seus corpos como matrizes e mensageiros dos significados desta prática, desta experiência.

A automutilação é compreendida por essas jovens como uma expressão do fracasso em lidar com os problemas de inadequação aos padrões estabelecidos pelas famílias, grupos de amigos e pela sociedade de uma maneira geral. Elas se sentem frágeis, sem atrativos e incapazes de estabelecer relações amorosas duradouras; enxergam-se como um “fardo”

para as suas famílias, que consideram a automutilação, muitas vezes, como um simples recurso para chamar a atenção.

A contemporaneidade faz uma verdadeira ode ao corpo. Não é qualquer corpo, é um corpo que aparece obedecendo aos ideais estéticos, convidando à admiração, suscitando invejas e sentimentos de impossibilidades que não alcançam a fórmula do sucesso e a aparência da felicidade constante. É o excesso que chama a atenção: sorrisos congelados, biografias de conquistas, corpos modelados, exibição de uma satisfação inesgotável... Como fazer parte deste universo de perfeição?!

Em uma passagem do livro *Adeus ao corpo* (LE BRETON, 2003), o autor aponta para a questão do desprezo pelo corpo, a vontade de corrigir e eliminar o corpo, afirmando que este fato é veiculado, principalmente, pelas tecnociências (medicina, genética, robótica...) que pretendem liberar o homem do seu corpo, mudar a condição humana, declarando o fim do corpo e das suas imperfeições, na sociedade ocidental pós-moderna. Levanta também a discussão sobre o mito da saúde perfeita (SFEZ, 1996) que alimenta o discurso científico atual e nos anuncia uma profunda mutação epistemológica: pensar um homem sem corpo.

Nas fronteiras dessas idealizações existem diferentes concepções de corporalidades, para as praticantes da AM, a dimensão do corpo recebe outras significações que contradizem a noção de “um homem sem corpo”. É justamente no e através do corpo que dialogam com a sociedade, invisibilizando ou exibindo os signos da linguagem formulada na experiência da autoviolência.

Na perspectiva fenomenológica de Csordas (2008), encontrei outras sinalizações para a compreensão desses corpos que são vítimas e agentes da violência. De acordo com as construções sobre a corporalidade:

> defende que a abordagem da experiência corpórea está para além da representação e do discurso, sem, contudo, deixar de incluir essas dimensões. (...) corpo que não é mais nem o corpo como mero instrumento, corpo significado, nem o corpo como lugar de inscrição da cultura, mas é o corpo fenomênico, o corpo como lócus da cultura, meio de sua experimentação do 'fazer-se humano' em múltiplas possibilidades. (2008: 11)

As considerações finais refletem uma interpretação sobre as pistas encontradas no transcurso da pesquisa, durante o período de 2008 a 2010. Os resultados apontam para novas e mais verticalizadas investigações sobre a temática da automutilação, amparada por um olhar transdisciplinar a fim de entrecruzar os conhecimentos formulados sobre este fenômeno.

Inspirada nas reflexões de Foucault (1990) sobre as tecnologias do eu, onde ele discute o "cuidado de si" e as distintas formas de "eu" analisando as tecnologias de poder que determinam as condutas dos sujeitos e os submetem a certo tipo de dominação, assim como as tecnologias do eu permitem aos sujeitos efetuarem certas operações sobre os seus corpos ou suas almas, sozinhos ou com a ajuda de outrem, pensamentos, condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos visando um "estado de felicidade", pureza ou imortalidade , elaborei algumas ponderações sobre a experiência da automutilação, propondo algumas explicações sobre os sentidos desta prática na construção de suas subjetividades.

Trilhando o percurso teórico de Foucault foi possível encontrar ressonância com as temáticas desenvolvidas acerca do fenômeno da AM. Os discursos formulados pelas jovens praticantes da automutilação trouxeram elementos trabalhados na obra deste autor. As múltiplas formas de intersubjetividade, sempre atravessadas pelo duplo aspecto velamento/

desvelamento, as tensões desencadeadas pelas diversas instâncias de poderes difusos, os dispositivos de disciplinamento, assim como as estratégias engendradas por essas jovens como uma forma de lidar com o sofrimento e como resistência às ordens instituídas. Outro conceito que amparou a interpretação da automutilação como fenômeno constituído na e pela cultura foi o de *Biopoder*, na medida em que possibilitou um redimensionamento na análise dos mecanismos que disciplinam e regulam as corporalidades das jovens praticantes da AM.

O projeto desta pesquisa ganhou o edital "**Enfrentamento da Violência contra as Mulheres 003/ 2008**", fomentado pelo convênio da Capes com a Secretaria de Políticas Especiais para as Mulheres, o que possibilitou um incremento material e teórico no desenvolvimento da investigação.

Assumi o compromisso de fornecer aos órgãos gestores das questões de violência contra as mulheres, assim como aos de saúde pública, os dados coletados e analisados sobre a prática da automutilação.

CAPÍTULO 1. UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: A BUSCA POR ALGUMAS SENDAS

Como escolher e desenvolver um método para uma abordagem antropológica sobre um problema e um contexto específico na sociedade contemporânea? Esta questão pode soar pueril, no entanto, as convergências entre o problema da pesquisa, as linhas teóricas e os procedimentos de coleta, interpretação e descrição dos dados são fundamentais para garantir a inteligibilidade do estudo proposto.

A palavra método (methodos) é constituída, etimologicamente, pelos termos gregos *meta* – por, através de; e *hodos* – caminho. Ou seja, método é um caminho percorrido para se atingir um determinado fim, utilizando, para isto, um conjunto de procedimentos racionais, baseado em regras, a fim de orientar, sistematizar e fundamentar teorias.

A orientação metodológica é ponto crucial e decisivo para a consecução de qualquer pesquisa científica, é através de nossas opções epistemológicas e metodológicas que conferimos uma lógica e um sentido ao tema a ser investigado. A metodologia significa um processo que nos permite a reavaliação constante dos trajetos percorridos.

A antropologia, como uma possibilidade de compreensão dos fenômenos socioculturais, na especificidade do seu olhar e com as suas técnicas, estratégias e métodos, apresenta singularidades nas suas maneiras de se aproximar da realidade. Foi a partir desse discurso, desse solo epistemológico que desenvolvi esta pesquisa, cujo problema impulsionou-me para uma reflexão cuidadosa acerca dos caminhos trilhados.

Em princípio, é importante destacar a prevalência das análises qualitativas nas pesquisas antropológicas, porém, isto não significa descartar

os suportes quantitativos, visto que não são maneiras excludentes de se abordar a realidade. São perspectivas diferentes de enxergar os fenômenos da sociedade, as experiências dos interlocutores da investigação. A forma de coleta de dados e o tratamento conferido aos mesmos estão diretamente relacionados ao problema da pesquisa, ao contexto e ao campo desta. O fazer etnográfico tem sido alvo de críticas dos autores pós-coloniais, assim como tem sido questionada a autoridade etnográfica. Além disso, a etnografia vem sendo pensada, por outros campos de conhecimento, como uma mera descrição, sem que a sua originalidade, tradição e especificidade sejam consideradas (CLIFFORD; MARCUS, 1986; CLIFFORD, 1998; RABINOW, 1999).

Segundo Vidich & Lyman (2006: 73):

> *O projeto etnográfico deve ser imaginado como uma tarefa que muitíssimas vezes é assumida por um estranho não-aculturado orientado por tudo quanto a mistura inquietante de poesia e política possa oferecer aos seus esforços no sentido de compreender uma cultura estranha (...). A crítica pós-moderna tem engendrado algo que se assemelha entre os antropólogos de hoje.*

Longe de concordar com a percepção de esvaziamento da etnografia, penso que a mesma é o que nos define como antropólogos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). Aqui, quero enfatizar as múltiplas formas de se realizar uma etnografia, a partir de projetos e experiências diferentes. O trabalho etnográfico não se resume à ida do antropólogo ao campo de investigação, nem tampouco a descrições superficiais, ou seja, as possibilidades etnográficas são definidas pelo nosso problema, pela nossa pergunta inaugural, pela nossa capacidade de inquirir as relações estabelecidas pelos homens e pelas mulheres, em temporalidades, espacialidades e textualidades distintas. É a natureza do

problema que vai apontar para quais técnicas, quais métodos recorreremos para organizar, dar sentido e coerência ao processo de investigação.

No tocante à pesquisa qualitativa e às suas especificidades metodológicas, há um aspecto que quero ressaltar: a interlocução entre os sujeitos da pesquisa. Os momentos de estranhamento e de aproximação são fundantes para a execução da pesquisa, visto que não podemos pensar na relação entre pesquisador e "pesquisados" como um encontro imparcial, de sujeitos autônomos e isolados do mundo. O modo de olhar, a "magia do campo" (SILVA, 2006) antropológico, o movimento da observação, das entrevistas, dos registros no diário de campo, trazem sempre surpresas, que nos fazem refletir e redirecionar, muitas vezes, os nossos passos.

O contexto das sociedades complexas instaura novos campos e novos personagens como temas a serem explorados pela antropologia. As pesquisas em lugares exóticos (no sentido da distância espacial), os longos períodos *in lócus*, a observação participante, o trabalho de campo no modelo malinowskiano, as descrições "distanciadas", já não são os únicos caminhos dos antropólogos. Estamos cada vez mais mergulhados nas questões contemporâneas, cada vez mais engendrados com as temáticas das nossas investigações. Não quero dizer com isso que temas e povos tradicionalmente abordados nas etnografias não se encontram nas agendas da academia, mas sim que são exigidos novos formatos de técnicas e métodos de pesquisa, na medida em que nossos os interlocutores estão cada vez mais próximos dos contextos em que habitamos.

A fim de reiterar a reflexão que venho desenvolvendo neste trabalho, transcrevo a seguinte consideração:

> *Por razões que alinho adiante, estamos de novo perplexos, perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma*

> *sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder; admitimos mesmo, noutros momentos, que essa sensação de perda seja apenas a cortina do medo atrás da qual se escondem as novas abundâncias da nossa vida individual e colectiva. Mas mesmo aí volta a perplexidade de não sabermos o que abundará em nós nessa abundância.*
>
> *Daí a ambiguidade e complexidade do tempo científico presente a que comecei por aludir. Daí também a idéia, hoje partilhada por muitos, de estarmos numa fase de transição. Daí finalmente a urgência de dar resposta a perguntas simples, elementares, inteligíveis. Uma pergunta elementar é uma pergunta que atinge o magma mais profundo da nossa perplexidade individual e colectiva com a transparência técnica de uma fisga.* (...) [6]

Desta forma, continuo com a pergunta, agora mais direcionada para a minha pesquisa: Como escolher e desenvolver um método para uma abordagem antropológica sobre um problema e um contexto específicos, como a prática da automutilação entre jovens mulheres das camadas médias de nossa sociedade?

Há algum tempo, a intersecção entre as categorias corpo e gênero despertam o meu interesse, devido a uma convivência diária com o universo feminino, durante dezessete anos, numa escola particular do Recife, exercendo a função de coordenadora pedagógica.

Afora os casos dos transtornos alimentares, que demandavam um cuidado específico com essas jovens[7], a automutilação emergiu como um enigma, como uma prática a ser compreendida. Os primeiros sinais da AM

[6] SANTOS, BOAVENTURA DE S. Um Discurso sobre as Ciências. Porto: Edições Afrontamento, 1988, p.2.

[7] As jovens com anorexia e bulimia eram acompanhadas, semanalmente, pelo serviço de psicologia da escola. Aconteciam encontros quinzenais entre a equipe pedagógica, as famílias e com profissionais da saúde, que as atendiam fora da escola.

foram interpretados, inicialmente, como tentativas fracassadas de suicídio e como um apelo por atenção. Pouco depois, percebi que era um fenômeno diferente, mais complexo, pois os episódios de cortes repetiram-se num breve intervalo, além do mais não eram profundos, o que me fez pensar que a intenção não era a busca pela morte. Havia muitos elementos estranhos, como, por exemplo, as cicatrizes localizadas nas pernas de uma das jovens: pareciam retas paralelas, próximas uma da outra, sem oferecer perigo à sua integridade física.

As dores dessas jovens excediam os limites do meu papel de educadora, mas interpelavam o meu ser para buscar compreender esses comportamentos de risco, que vinham crescendo.

A opção pelo território da internet facilitou o acesso aos relatos das jovens que se automutilavam, visto que é uma experiência que vulnerabiliza quem a pratica. O preconceito que perpassa a automutilação, como também o parco conhecimento sobre o fenômeno contribuem para que as jovens praticantes utilizem meios que as protejam da exposição dos seus atos e sentimentos.

Um tema tão complexo, ocultado fora da virtualidade e exibido no ambiente da internet, apresenta-se nos mais variados formatos de hipertexto. Fiz uso dos dados coletados na internet, através de entrevistas realizadas em comunidades do ORKUT, cujas jovens discorreram sobre o problema da automutilação em múltiplas dimensões (social, psicológica, médica e afetiva), assim como das narrativas apresentadas no formato de depoimentos nestas comunidades.

A violência autodirigida contém mensagens que precisavam ser decifradas, na medida em que comunica uma linguagem que não se expressa em palavras, num primeiro momento; é no corpo mutilado que se inscrevem os significados primeiros. Foi necessária uma longa troca de palavras, via Orkut e

entrevistas não-estruturadas, até que se estabelecessem aproximações, após o estranhamento inicial. Desejava saber o que havia por detrás daquele comportamento, que se utilizava de uma comunicação, cujos símbolos e significados dificultavam a realização de diálogos. Indagava-me se aquela maneira de comunicação, por meio da autoviolência, veiculada em meios eletrônicos, era um mecanismo de inserção na sociedade mediante o exibicionismo (DEBORD: 1997).

As novas configurações no cotidiano da nossa sociedade são explicitadas nas mais diversas esferas, sendo o exibicionismo, um dos elementos presentes em nosso cotidiano: o estatuto de ser-no-mundo, atualmente, implica na capacidade e/ou habilidade de ter e, principalmente, de (a) parecer. Na obra *Sociedade do Espetáculo*, o autor faz uma crítica contundente à espetacularização da vida humana. Para ele, o espetáculo não é algo figurativo no mundo real, mas a própria realidade, ou seja, (...) "*a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real."* (DEBORD, 1997: 14).

No mesmo livro, Debord afirma que

> *a alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.* (1997:24)

As considerações do autor remeteram-me a algumas reflexões. A prática da automutilação, ainda que velada na chamada "realidade" das relações fora do ambiente virtual, torna-se uma forma de espetáculo quando é descortinada em seus mínimos detalhes no mundo virtual, no qual as praticantes descrevem

suas histórias de vida, os rituais da automutilação e fotografias que podem ser vistas por qualquer usuário do ORKUT[8]. Seria esta uma maneira de inserção no mundo, ainda que mediado pela virtualidade, onde a veracidade dos fatos aparece em discursos que não são passíveis de verificação empírica pelo (a) pesquisador (a), visto que o campo de pesquisa, neste caso, não se definiu pelo contato convencional do "eu vi, eu estava lá", mas sim um "eu vi e eu estava lá, virtual"?

Durante um bom tempo, permaneci inquieta quanto ao valor etnográfico dos dados coletados, visto que a chamada "netnografia" era uma experiência inusitada na minha formação. Refletindo sobre esta questão, concluí que a forma como trataria as informações garantiria a credibilidade ao trabalho desenvolvido; o problema não se localizava, portanto, na verificabilidade conforme concebemos comumente, mas sim na qualidade do levantamento, da descrição, interpretação e exposição do trabalho investigativo.

Porém, no decorrer do trabalho de campo fui adquirindo a segurança necessária para confiar no processo investigativo. A credibilidade acerca dos elementos que constituíam a exploração do fenômeno da AM enraizava-se na seriedade e no rigor ético na condução do processo de interlocução e análise dos dados.

Uma questão posta, durante todo o processo de investigação foi a seguinte: por que estas jovens utilizavam a internet para compartilharem suas experiências de dor? Seria um deslocamento da invisibilidade que algumas afirmavam vivenciar no cotidiano para uma exibição viabilizada pela internet, espaço no qual poderiam ser o que quisessem mostrando, inclusive, suas

[8] Cada comunidade do ORKUT define, através de seus donos/ donas e moderadores/ moderadoras, quais os conteúdos podem ser acessados e quem pode acessá-los.

práticas de modo performático[9]? Histórias ritualizam processos e, em muitos sentidos, redimensionam experiências. Indagava-me, então, de que formas a sociedade e a cultura contemporâneas contribuem para produzir este tipo de comportamento?

Pensando na possibilidade de ter como problema de pesquisa essa prática ambígua, na medida em que se vela fora da internet e se desvela neste espaço/tempo "deslocados", seria a automutilação, imbricada nos processos de solipsismo, de individualismo, novas textualidades, na fluidez das identidades efêmeras, na corpolatria e/ou nos distúrbios da imagem corporal, uma prática da (des) construção da sociedade contemporânea?

O meu objetivo centralizava-se em desvendar os sentidos da automutilação, assim como em analisar por que o corpo dessas jovens era o lugar da expressão da dor. Será que a automutilação poderia ser uma simbolização de resistência às descontinuidades do vir-a-ser mulher? Até que ponto os padrões, as prescrições e os interditos da sociedade contemporânea estimulavam essa linguagem, que demandava interpretação cuidadosa e sistematizada? Era na dimensão do corpo que essas jovens pareciam encontrar um veículo para mensagens, inicialmente incompreensíveis, cujos códigos me propus a investigar. Porém, como pesquisar, com quais métodos apreender e explicar esse fenômeno?

[9]SCHECHNER, Richard. "O que é performance?". In: O PERCEVEJO n°12. Revista de Teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro na UNIRIO, 2003.

1. 1 A ABERTURA DO CAMPO: REAL E/ OU VIRTUAL?

A determinação e a delimitação do campo a ser trabalhado exigiram uma ponderação acerca das possibilidades de acessibilidade aos sujeitos a serem investigados, devido à complexidade do tema. Desde o início, percebi que as jovens (alunas da escola) contatadas no chamado "mundo real" apresentavam uma resistência em discorrer sobre a experiência da automutilação. Cheguei a tocar no assunto com algumas, que me afirmaram o medo de serem descobertas pelas famílias e excluídas dos grupos de amigos. Geralmente, queriam discorrer sobre as suas dores, porém, enxergavam-me como a ex-coordenadora e não se percebiam como participantes de uma pesquisa.

Simultaneamente ao contato com essas jovens conhecidas, continuei minhas buscas pelo mundo virtual, na tentativa de ajudar as jovens a lidarem com as suas angústias. A bibliografia encontrada, basicamente na área de saúde, apreendia a automutilação sob a ótica da patologia através do DSM IV[10], classificando-a com o código X 84[11] no CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) entendido como um sintoma do "transtorno de personalidade borderline", associada à doença mental e aos transtornos alimentares. Minha intenção, entretanto, direcionava-se para a dimensão sociocultural do problema.

Escolhi as interlocutoras da pesquisa, à medida que elas procuravam-me para conversar. Dentre estas, utilizei alguns critérios para selecionar

[10] O **DSM IV** (ou **DSM-IV**), abreviatura de ***Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fourth Edition*** (http://pt.wikipedia.org/wiki/Automutila%C3%A7%C3%A3o - Quarta Edição), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) em Washington em (1994), corresponde à quarta versão do DSM e é a principal referência de diagnóstico para os profissionais de saúde mental dos Estados Unidos da América e de Portugal na prática clínica. É comumente também utilizado no Brasil por estes profissionais. Fonte de consulta: WiKipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Automutila%C3%A7%C3%A3o

[11] Sobre a classificação da AM como doença, acessar: http://apps.who.int/classifications/apps/icd/icd10online/

aquelas com as quais faria as entrevistas de aprofundamento. Os critérios foram definidos de acordo com minhas leituras antropológicas, mais especificamente as relacionados à corporalidade, ao poder e aos conflitos sociais (geracionais, de não-pertencimento à sociedade – “outsiders”- gênero e sexualidade), aliadas às informações disponibilizadas nas comunidades sobre a AM. Sendo assim, pautei a escolha da amostragem de forma dirigida, partindo de perfis que descrevessem jovens mulheres (com idades distintas), praticantes da automutilação e pertencentes às camadas médias da sociedade.

Diante de um tema pouco conhecido, tanto no espaço acadêmico como na sociedade, optei por um estudo exploratório, a fim de compreender os modelos de inteligibilidade e os sentidos atribuídos pelas jovens praticantes à experiência da AM. É importante ressaltar que os estudos sobre o fenômeno sobre a AM possuem uma preocupação direcionada às causas e aos sintomas psíquicos, na literatura da área de saúde, não se detendo nos contextos e nos significados socioculturais do mesmo. Nas Ciências Sociais há várias pesquisas sobre outras formas de modificações corporais (Body Modification), como, por exemplo, tatuagens, cirurgias plásticas, anorexia, mas a automutilação encontra-se, ainda, pouco explorada nesta área, o que configura este trabalho como um estudo exploratório sobre a prática e a experiência da automutilação.

O tema em si precisa ser abordado com bastante cuidado. Procurei enfrentá-lo e percebê-lo no escopo da antropologia, ou seja, dirigindo o caminho teórico e metodológico para a automutilação como uma prática social, construída na e pela sociedade, no permanente diálogo entre sujeito e sociedade. Inúmeras vezes precisei refazer trajetos que me encaminhavam para a questão da patologização do fenômeno, misturando sintomas e práticas. Nesses momentos, recorria às leituras e metodologias antropológicas, reafirmando os fatos e as ações sociais, entendendo que este fenômeno é constituído pela cultura, como marcadores de comportamentos de risco.

Os vínculos criados com as jovens ultrapassaram, muitas vezes, as fronteiras (tênues e fluidas) da pesquisa. Não foi uma tarefa fácil conciliar os impulsos maternais frente a tantas emoções, a convivência com as incertezas, as inseguranças e sofrimentos afetavam-me profundamente. O compasso da experiência da AM cadenciou muitas noites insones conversando com as jovens, através do MSN, tentando demovê-las das idéias de autoviolência, de suicídio. Precisei retirar algumas jovens do universo da pesquisa, porque o envolvimento afetivo desvirtuaria o desenvolvimento do estudo.

Aprendi a estabelecer um distanciamento necessário à continuidade do trabalho, reafirmando as minhas metas como pesquisadora, retomando os caminhos metodológicos, refazendo instrumentos de coleta de dados e contive, na medida do possível, a minha postura de maternagem. Dessa forma, o trabalho de campo ganhou novos contornos e as informações tornaram-se mais claras.

Utilizei a observação participante no mundo virtual[12], a entrevista e os depoimentos postados nas comunidades, respeitando as condições de sua produção e submetendo cada passo ao rigor científico.

Ao escrever sobre a etnografia**,** Geertz (1989:15) enfatiza que não é uma questão de métodos: “não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle”. Por caracterizar-se

[12] Quando digo que realizei a observação participante, num campo virtual, pode parecer paradoxal para os paradigmas de “real” e “virtual”. Refiro-me à observação participante, visto que era membro das comunidades, postava comentários, criei enquetes (ver anexos), visitei as comunidades ao menos duas vezes por semana e interagi com os participantes das mesmas.

como uma descrição densa, a etnografia é um estilo de pesquisa que supõe a presença prolongada do investigador no contexto social em estudo e o contato direto com as pessoas e as situações. Tal como observa Geertz (1989, p. 20), "*fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos*". Nesta perspectiva, teci análises e interpretações, a partir das incursões teóricas e metodológicas com as quais venho fundamentando a formação como aprendiz da antropologia e balizada no material coletado, durante toda a pesquisa.

1.2 CAMINHOS E ATALHOS: A FRUIÇÃO DO CAMPO

A automutilação transformou-se num desafio que me impulsionou para as pesquisas bibliográficas, conversas com especialistas da área médica, buscas na internet... Nenhum desses recursos, entretanto, trouxe respostas, e sabia que minha pergunta era bastante inquietante. A prática da autoviolência por essas jovens mobilizou reflexões e dúvidas para as quais não encontrava explicações.

Foi esta precariedade na produção acadêmica, o desconhecimento sobre a automutilação que me encaminhou para as teorias, métodos e abordagens antropológicas, a fim de realizar um estudo exploratório sobre esta linguagem textualizada nos corpos dessas jovens mulheres.

Percebi em algumas entrevistas não-estruturadas, como em algumas enquetes, realizadas nas comunidades do ORKUT, que elas possuíam baixa auto-estima, diagnósticos de transtornos psiquiátricos, isolamento da vida social, complicados vínculos familiares e verifiquei, também, alguns casos de abuso sexual sofridos por essas jovens. Essas percepções iniciais

demandavam um esforço de adequação das entrevistas, na forma de abordar as vidas dessas jovens, repensando as narrativas e o meu próprio papel como pesquisadora.

Repensar meu papel? Fazer etnografia implica nos movimentos constantes de estranhamento e reconhecimento na direção da alteridade. Neste sentido, mobilizei múltiplos recursos teóricos e metodológicos a fim de proceder ao distanciamento e à aproximação necessária para lidar com situações de sofrimento, atitudes que poderiam fugir das minhas atribuições. Exercer a "autoridade etnográfica" foi difícil, em alguns momentos, como na situação que descrevo a seguir.

Um desses momentos ocorreu durante uma entrevista não-estruturada, através do MSN. A conversa sobre as origens da prática da automutilação relatada por D., uma jovem de 17 anos, transcorria bem. Até o momento em que ela disse que iria até a cozinha e voltaria logo. Esperei uns dez minutos, quando ela voltou e abriu a *webcam*, sem a minha aprovação, e começou a fazer cortes no antebraço com um facão de cozinha, enquanto escrevia que se mataria naquele momento. Num primeiro momento, fiquei imobilizada pelo inesperado da atuação de D.. Porém, em fração de segundos, recuperei-me e afirmei categoricamente que não poderíamos prosseguir com a entrevista, caso ela continuasse com aquele comportamento. Ela começou a chorar e fechou a *webcam*. Eu sabia que minhas próximas palavras seriam decisivas, tanto para acalmar a jovem, quanto para o andamento da pesquisa. Retomei a conversa num tom de aconchego, sem julgamentos, e pouco a pouco retomamos o foco das perguntas.

No caso acima relatado, acometeu-me uma mescla de emoções: medo, impotência, raiva, compaixão. O desejo inicial era dar colo, fazer uma maternagem: era uma jovem desesperada, silenciosamente gritando as suas dores, exibindo-se para chamar a minha atenção. Este episódio ocorreu no

início da entrada no campo e serviu como um alerta, pois precisei retomar a entrevista recorrendo a uma forma mais distanciada de negociação em relação ao visível e ao invisível. Diante da descortinamento do ato em vias de ser realizado nas minhas vistas, o que era apenas descrito, discursado, até então, mostrou-se. Foi necessário colocar um limite na interação com a entrevistada, visto que observar (visualizar) a prática da AM não enquadrava-se no escopo das minhas intenções, nem técnicas. Corroborando a magia do campo etnográfico, entrei no ambiente da investigação de um jeito e saí agregando experiências nunca pensadas.

A etnografia foi totalmente desenvolvida, especialmente a coleta de dados, no espaço virtual, atentando para os códigos e regras que regem as relações construídas nele, procurando garantir as técnicas específicas do campo antropológico.

A netnografia é um formato que vem sendo utilizado para se fazer trabalho de campo, caracterizando-se por tempos e espacialidades diferentes, com grande dinamicidade das informações, porém ainda se discute sobre a validade dos dados e acerca da dicotomia entre virtual e real. A escolha do espaço virtual justifica-se pela complexidade do problema, que é ocultado no cotidiano e explicitado nas redes sociais do espaço virtual, nos textos e imagens da virtualidade (MARCUSCHI; XAVIER, 2004; RECUERO, 2003; LEVY, 1999).

Como já mencionei anteriormente, esta pesquisa possui também um caráter exploratório sob o ponto de vista teórico, devido à escassez de escritos sobre a prática da automutilação. O trabalho de campo assentou-se sob as condições da ética e do rigor científicos inerentes à antropologia, deixando claras as minhas intenções, motivações e objetivos para as jovens, que foram as interlocutoras desta investigação.

E é este caminho (que se fez literalmente no caminhar) – bem como as implicações dele decorrentes que pretendo mostrar ao longo das páginas a seguir.

1.3 O CAMPO EM SI, POR SI E A PRESENÇA DA PESQUISADORA

Os primeiros passos no universo investigativo, isto é, nas Comunidades Virtuais do ORKUT, foram dados no sentido de selecionar quais as comunidades fariam parte deste universo. A princípio solicitei a minha participação como membro em várias comunidades sobre automutilação, que havia encontrado através de uma busca no ORKUT. A fim de apresentar uma descrição do ORKUT, selecionei o texto a seguir.

> *O Orkut funciona basicamente através de perfis e comunidade. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indica também quem são seus amigos. As comunidades são criadas pelos indivíduos e podem agregar grupos, funcionando como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta do assunto). O Orkut é, ainda, um sistema que proporciona duas formas de interação social mediada por computador: a* ***interação mútua*** *(Primo, 1998 e 2003) que pode ser observada nos posts das comunidades (em estilo de fórum), onde cada um pode escrever o que deseja e receber manifestações em retorno; bem como nos scrapbooks dos perfis (uma espécie de caderno de notas, onde é possível deixar recados para os amigos e receber deles recados) e testemunhos; além de mensagens enviadas para uma comunidade ou para alguém em particular (existia inicialmente a opção de envio para os "amigos dos amigos" que foi desabilitada devido ao grande número de spam no sistema). A* ***interação reativa*** *(Primo, 1998 e 2003) pode ser considerada social quando alguém solicita a outrem que seja seu amigo*. (RECUERO, 2005:1)

Após esta decisão, comecei a participar efetivamente de duas comunidades e a observar uma terceira. Delimitei o meu campo nestas comunidades segundo as perguntas que iam surgindo durante algumas conversas informais com os membros das mesmas. Um aspecto especial foi definidor da escolha das comunidades a serem investigadas: a não apologia, o não incitamento da prática da automutilação, pois as comunidades que são "pró-AM" contêm elementos que demandariam outras interfaces, como, por exemplo, as questões ligadas à bruxaria, ao satanismo e ao vampirismo. Incluir estas comunidades implicaria numa investigação mais longa e ampliada, o que não seria viável para o tempo e os conhecimentos de que dispunha. Ou seja, as comunidades selecionadas correspondiam à dimensão que um estudo exploratório reivindicava, dentro das minhas limitações e intenções.

Estabelecidas as trilhas metodológicas enveredadas no processo da pesquisa, passo, então, a descrever os cenários e as pessoas que são o eixo deste trabalho.

Os primeiros contatos com as redes virtuais, especificamente com as comunidades sobre a automutilação no Orkut, deram espaço para muitos pensamentos. Seria válida uma etnografia desenvolvida no ciberespaço? Como confrontar os dados acumulados na coleta? Seria possível garantir a confiabilidade nas narrativas dos sujeitos de pesquisa? Como investigar um tema mobilizador de emoções como a dor, o sofrimento, a violência, carne, sangue e morte, sem me envolver e prejudicar a qualidade das análises? Estas dúvidas foram dissipadas no caminhar, na vivência, nas conversas em profundidade com as participantes da pesquisa.

Trabalhei, mais sistematicamente, com cinco jovens mulheres, com idades variadas entre 16 e 30 anos, pertencentes a camadas médias, membros de duas das comunidades investigadas, praticantes da automutilação há mais de um ano. Além dos relatos coletados nas comunidades, conversei diversas

vezes com elas, informalmente, através de recados no Orkut e teclando no MSN.

Estas mulheres abriram muitos caminhos e contribuíram para que a minha participação nas comunidades fosse recebida com tranqüilidade. O ingresso nestes grupos pressupõe uma investigação do perfil dos candidatos a participantes, a fim de que se possa verificar os interesses e as conexões de quem deseja partilhar de um espaço que acolhe tantos relatos e segredos.

A minha entrada nas comunidades configurou-se nesse modelo e como eu não era praticante da AM, foi necessária uma explicação sobre o meu interesse em participar desses territórios. Relatei as minhas intenções, descrevi o projeto e, desta forma, fui aceita. Ser membro dessas comunidades representava adentrar num universo de símbolos e códigos utilizados pelos “iniciados” (praticantes da AM). Há uma hierarquia estabelecida pelo cabedal de conhecimentos acerca da AM, como também pelo tempo em que são membros das comunidades.

As moderadoras das comunidades pesquisadas aprovaram a idéia da pesquisa no meio acadêmico, entendendo que esta iniciativa poderia auxiliar na compreensão, na elucidação e até mesmo contribuir para a diminuição dos preconceitos sobre a automutilação. Sendo assim, acolheram-me e me introduziram nos discursos da AM. Forneceram explicações, contaram suas experiências, apresentaram jovens que poderiam enriquecer a exploração do tema. Ao longo do trabalho de campo, participaram ativamente, sinalizando caminhos e possibilidades de interpretação.

Considero a disponibilidade destas pessoas a pedra angular de todo o trabalho desenvolvido. A confiança depositada respaldou cada passo desta caminhada. Elas possuíam características em comum, dentre elas: faixa etária (27-30 anos), conflitos familiares e geracionais, descreviam-se como “esquisitas”, dificuldades com as redes sociais, eram diagnosticadas com

patologias semelhantes e usavam medicamentos. Eram líderes nas comunidades, sendo frequentemente consultadas sobre os assuntos que circulavam entre os participantes. Foram estas as principais interlocutoras deste trabalho.

Somente no início de 2009, fiz as entrevistas, via MSN, que continham temas geradores escolhidos através das conversas informais, mas cujo direcionamento era modificado, muitas vezes, durante a realização das mesmas. As entrevistadas, sem exceção, quiseram relatar histórias de suas vidas, depois de responderem às perguntas sobre idade, escolaridade, local de nascimento, composição da família, trabalho e a definição que elas tinham sobre a AM. Optei por dar este espaço de atuação ativa ás interlocutoras, intervindo, no entanto, sempre que desviavam da temática abordada, solicitando atenção, uma escuta de orientação psicológica e, muitas vezes, soluções para os seus problemas..

As interlocutoras foram de uma disponibilidade surpreendente, tendo em vista os processos de velamento e de desvelamento que permeiam a experiência da AM. Algumas enviaram imagens, outras indicaram blogs sobre a temática, e, durante todo o período da coleta de dados, vibraram com a perspectiva de que este estudo poderia contribuir na compreensão do fenômeno. Houve apenas um conflito comigo e uma das praticantes da AM, gerado por uma mistura entre os meus papéis e a delimitação das minhas ações como pesquisadora.

Este desentendimento teve início quando percebi que estava permitindo que essa jovem transferisse para mim as expectativas e o afeto de uma filha, cobrando atenções, cuidados e participação efetiva em sua vida. A jovem havia presenciado o suicídio de sua mãe, na infância, quando passou a morar com a avó e com o avô maternos. Conversei com ela, expliquei que não tinha a intenção de assumir a posição de sua mãe e que o meu interesse se dirigia

para a pesquisa. Ela reagiu com muita raiva, ainda passou um tempo insistindo na questão da maternagem, porém, foi necessário um afastamento completo visto que essa confusão estava afetando tanto a mim quanto a jovem.

Considero este episódio decisivo para a lapidação da minha abordagem como pesquisadora, pois percebi que deveria adotar um discurso mais consistente a respeito das minhas intenções. Esta experiência redefiniu as estratégias das entrevistas e reforçou a minha identidade no trabalho de campo.

O objetivo geral deste estudo foi compreender o fenômeno da automutilação, mediante os sentidos conferidos por um grupo de jovens mulheres que a praticam. E, mais especificamente, identificar as influências socioculturais para a manifestação do fenômeno, mediante três eixos de análise: os conflitos relacionados a grupos específicos (família, escola, pares); as instâncias de disciplinamento na socialização das jovens; e as estratégias e os usos do corpo como espaço de comunicação dos sofrimentos vivenciados pelas praticantes da automutilação.

Passo, agora, a descrever as peculiaridades das comunidades pesquisadas.

Como já mencionei, o ingresso nas comunidades não apresentou dificuldades, fui aceita como membro sem grandes resistências. Estas comunidades são submetidas às regulações do ORKUT, cujos gerenciadores, podem, se acharem inadequações éticas, fechar qualquer comunidade.

Construí uma relação de confiança com as moderadoras das comunidades, o que conferiu respaldo para a pesquisa. Pude também ficar amiga e estreitar laços de confidência com algumas dessas pessoas. Estabelecendo relações de empatia, admiração e gratidão. Quanto a esse aspecto, ficou bastante claro o modo como o espaço social, mesmo não

“estando lá”, na perspectiva clássica do trabalho de campo, define proximidades e afinidades, afastamentos e incompatibilidades, sendo estas algumas das configurações da vida social, na contemporaneidade.

E foi principalmente a partir das narrativas, que percebi a “força” que o contexto social exercia na dinâmica das concepções sobre a experiência da automutilação. A partir das narrativas é que comecei também a perceber uma proximidade semântica entre as histórias que selecionavam para contar, o modo como se representavam e se viam ao narrá-las. **Todos os depoimentos foram copiados das comunidades do ORKUT e dos blogs na íntegra.**

Segue o tópico no qual formalizei o início da investigação nas comunidades.

> *Gente*
> *Para quem não sabe, minha dissertação de mestrado é sobre a AM. Tenho uma bolsa da CAPES e da SPM (Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres), que ganhei num concurso. Devo muito às contribuições de vocês!Neste momento, precisarei começar a entrevistar e a coletar depoimentos das praticantes da AM. A proposta é utilizar o ambiente virtual: comunidades, blogs, chats etc. As entrevistadas terão a identidade mantida em completo sigilo, é uma das condições para preservar tod@s e referendar a ética. Caso alguma de vocês se disponibilize, gostaria que entrassem em contato comigo. Enviarei meu projeto, a fim de que compreendam os meus objetivos e propostas. Só pesquiso o universo feminino.*
> *Meu contato é dlp.luna@hotmail.com*
> *Espero que possamos esclarecer muitas questões!*
> *Desde já agradeço muito por tudo que venho recebendo desta comunidade, que sempre me acolheu...*
>
> Dayse Luna, 19/04/2009

Iniciarei a descrição das comunidades pela ordem cronológica da minha participação como membro. O trabalho assumiu maior formalidade, quando criei um tópico denominado “pesquisa”, no qual apresentava as minhas intenções para os membros das comunidades.

Não À Automutilação (ÑAM)

(http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=19025350)

Esta foi a primeira comunidade na qual ingressei. A receptividade foi grande, principalmente quando mencionei as minhas intenções de investigar a automutilação no âmbito acadêmico. Comecei a postar comentários, a criar enquetes, trocar informações relacionadas às discussões e aos interesses da pesquisa.

A ÑAM foi criada em 18 de agosto de 2006. Possui 624 membros, dentre eles 109 homens e 515 mulheres. As idades variam entre 12 e 32 anos. É moderada por uma médica e por uma das suas fundadoras. Cada comunidade possui um dono ou mais. A proprietária da ÑAM é uma jovem sempre preocupada com o bem estar dos membros. As moderadoras têm o poder de excluir membros que apresentem comportamentos inadequados, aceitar participantes, gerenciar os fóruns e as enquetes.

Há 33 tópicos de discussão e quatro enquetes na comunidade, que nos últimos quatro meses tem sido freqüentada menos assiduamente. Alguns membros saíram da ÑAM, provavelmente devido ao rompimento entre as fundadoras da comunidade. Na fase final da coleta de dados, a movimentação desta comunidade tinha diminuído consideravelmente, o que podia ser percebido pelo decréscimo das postagens, na ausência de novos membros e saída de antigos participantes.

O texto e a imagem de abertura desta comunidade são os seguintes:

"*Porque de cima, posso ver o mundo, mas não e nunca a mim mesmo..*"

Ao longo do trabalho de campo, percebi laços de amizade e solidariedade permeando as relações entre os membros. Entretanto, houve uma divergência entre algumas participantes da comunidade, no mês de julho de 2008. Estas divergências levaram a uma quebra de confiança e a uma dissensão entre as lideranças, o que culminou numa dissidência e na criação de uma nova comunidade, para a qual fui convidada.

Aceitei o convite, porém deixei bem claro que não deixaria a ÑAM, nem tomaria partido. Desta maneira, ampliei o meu campo de observação e de interlocução.

[OFICIAL] Não à automutilação©

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=66983417

Os textos e a imagem de abertura da comunidade são os seguintes:

"Seja bem-vindo ao mundo da luta contra a automutilação!"

. . .
Dizem que o bom filho à casa torna, dessa vez foi o contrário...
“Todos, sem exceção, temos muito o que dizer. Muito o que nos consolar, nos dar as mãos para nos reerguer.
Este espaço foi feito para trocar informações, sites, experiências, idéias... Não tenha medo de abrir um post porque se sente isolado ou carente.
Estamos todos aqui para tentar evitar o primeiro corte. O primeiro sangue.”

Esta comunidade foi criada como uma alternativa para os membros da comunidade *Não À Automutilação*, em 26 de agosto de 2008. As semelhanças entre as comunidades já se mostram no próprio nome dado à comunidade dissidente, que se define como [OFICIAL].

A NAM Oficial possui 145 membros (22 homens e 123 mulheres), com idades entre 12 e 40 anos. Tem 84 tópicos de discussão no seu fórum e não há enquetes. Logo no momento da criação desta comunidade, a dona expôs algumas explicações para o surgimento de outra comunidade, registrando a divergência de pensamentos e opiniões como as razões dos desentendimentos[13].

A dona da comunidade é uma antiga liderança e fundadora da ÑAM. As moderadoras são duas participantes, sendo uma delas uma médica, que traz informações constantes sobre os transtornos mentais.

Vinha observando uma movimentação constante dos membros, que sempre comemoravam os laços criados e as ajudas prestadas na comunidade. Em um movimento diferente da ÑAM, o número de participantes vinha aumentando gradativamente. As postagens realizavam-se diariamente e eram escritas por diferentes membros da comunidade.

[13] Aprofundarei os conflitos entre as líderes das comunidades no capítulo 2.

Auto Mutilação

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=29151520

Texto e imagem de abertura:

“Auto-mutilação: A urgência do sentir.”

"...E Clarisse está trancada no banheiro
E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
Deitada no canto, seus tornozelos sangram
E a dor é menor do que parece
Quando ela se corta ela se esquece
Que é impossível ter da vida calma e força
Viver em dor, o que ninguém entende
Tentar ser forte a todo e cada amanhecer...Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente
Nada existe pra mim, não tente
Você não sabe e não entende
E quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito
Clarisse sabe que a loucura está presente
E sente a essência estranha do que é a morte
Mas esse vazio ela conhece muito bem
De quando em quando é um novo tratamento
Mas o mundo continua sempre o mesmo..."

Acho que esse trecho da musica Clarisse do Legião Urbana ja diz tdo.

Comunidade destinada a pessoas q como eu, descontam no fisiko oq n podem descontar no sentimental.

Obs: Essa comunidade n tem o intuito de induzir as pessoas a auto- mutilação. “Auto-mutilação: A urgência do sentir.”

Esta comunidade foi um ambiente apenas de observação, leitura dos depoimentos, mas não houve interação. As primeiras incursões nesse espaço fizeram-me recuar, na medida em que apareceram categorias analíticas que não se encaixavam nas minhas questões. Um exemplo disso foi a existência de muitos membros ligados ao “satanismo”, à “bruxaria”. Como mencionei, anteriormente, não consegui abarcar esses elementos, ainda que pudessem enriquecer o conjunto de símbolos que permeiam a AM, seriam necessários outros estudos e um tempo maior.

A comunidade Auto Mutilação tem 742 membros, sendo 86 homens e 656 mulheres. É moderada por um homem, aberta para não membros. Criada em 13 de março de 2007, possui 67 tópicos no seu fórum, não há enquetes e é bastante movimentada pelos seus membros. Aparecem também vários casos de anorexia e bulimia, diferentemente das outras comunidades pesquisadas.

Ainda que não tenha participado efetivamente desta comunidade, obtive muitas informações sobre a prática da automutilação.

A construção dos caminhos que orientaram esta dissertação constituiu-se de múltiplos arranjos, reavaliações, erros e acertos. Como dizia Guimarães Rosa: “*Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*.”

CAPÍTULO 2. SILÊNCIOS, RUÍDOS E GRITOS: OS CONFLITOS E A EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO

Ao considerar a experiência da automutilação como um fenômeno social, fez-se necessária uma compreensão dos contextos e das redes sociais que compõem as realidades das jovens que praticam a AM. Há que se buscar as instâncias e instituições que contribuíram e que contribuem para a ordenação de valores, regras, comportamentos e emoções dessas pessoas.

A identificação dos possíveis sentidos que estas mulheres atribuem às suas práticas de autoviolência, requisitou uma interpretação a respeito das tensões provocadas pelas relações que estabeleciam com as suas famílias, com os seus amigos e amigas, com os espaços de educação formal, com os colegas de trabalho e com a sociedade.

Estabeleci uma distinção entre as interações mediadas pela virtualidade da internet e aquelas imediatas, que se concretizam com o contato direto, como é o caso das relações familiares, por exemplo. Esta distinção tornou-se

uma estratégia para explorar as formas pelas quais essas jovens vinculavam-se e os conteúdos desses relacionamentos, tanto no ambiente de redes sociais virtuais quanto nas redes sociais em que circulavam e das quais faziam parte para além da internet.

Baseada nos relatos das pessoas entrevistadas foi possível perceber que os laços construídos via internet, mais especificamente por meio do ORKUT, eram mais gratificantes e harmônicos do que as relações com as redes de contato imediato. As falas dessas jovens apresentavam, frequentemente, um desconforto acerca dos relacionamentos familiares e uma sensação de não-pertencimento à sociedade de maneira geral. Em contraposição a esta insatisfação, discorriam sobre as comunidades do ORKUT como um espaço de acolhimento, de aceitação e de reconhecimento.

Partindo dessas declarações, em que as relações não-virtualizadas eram descritas como fontes de insatisfação, tornou-se evidente que as tensões com as famílias, com as redes de ensino-aprendizagem e com outras instâncias de sociabilidade demandavam uma discussão mais refinada. Para isto, elaborei questões com a intenção de trazer à tona as configurações desses vínculos.

A formação de cada pessoa dá-se mediante as diversas instituições e redes sociais, sendo a família o solo original deste processo. Os modelos familiares, os seus arranjos e as suas configurações são as primeiras fontes de regulação dos sujeitos.

As relações entre os estilos e as atitudes e práticas familiares/ parentais aproximam-se daquelas existentes entre o construto mais global da constituição de identidade e as atitudes e comportamentos específicos do indivíduo, na teoria de Allport (HALL & LINDZEY, 1957). A família, como toda instituição social, representa elementos que contribuem para a autonomia dos

sujeitos, como também aspectos coercitivos, imposição de normas que limitam o campo de ação dos mesmos.

A contemporaneidade traz novos modelos de famílias, porém os resquícios da ordem patriarcal – monogamia, heterossexualidade, autoridade centrada na masculinidade – continuam operando na reprodução e manutenção da ordem. A família, ainda que revestida por novas configurações, tem resistido, se adaptado e redimensionado a sua importância na formação dos jovens. A maior parte dos jovens considera a família como "suporte", como "alicerce", incluindo os conflitos característicos dessa passagem de vida, em torno da independência x dependência. As juventudes ainda buscam a aprovação e o reconhecimento dos seus pais, mães, avôs e avós. Os adultos continuam controlando e regulando as possíveis transgressões juvenis.

No que se refere às jovens mulheres praticantes da AM[14], a noção de família destoa desse padrão, na medida em que não são percebidas como espaço de acolhimento, de "suporte". Estava posto um desejo de que a família significasse um porto seguro, um refúgio para se recorrer diante das dificuldades encontradas devido às suas experiências estigmatizadas e desviantes.

Apesar dos olhares lançados para as culturas das juventudes, da implantação de políticas públicas e das posições de protagonistas, podemos observar que os jovens e as jovens ainda são vistos com algum estranhamento na nossa sociedade, experimentando uma temporalidade composta pela transitoriedade, ou seja, não é adulto para gozar dos direitos e prerrogativas do mundo "responsável", "centrado" e "maduro". Nem tampouco são crianças,

[14] Esta categorização de jovens mulheres engloba uma faixa etária estendida, uma juventude prolongada. Os fatores que determinaram a nomeação de jovens foram da ordem da maturidade sociocultural e não do desenvolvimento biológico. As idades das pessoas investigadas variam dos 16 anos (jovens adolescentes) aos 30 anos (jovens adultas).

novas responsabilidades e escolhas presentificam-se nessas passagens da infância para a vida adulta, como, por exemplo, a definição da área de trabalho.

As relações de poder entre as juventudes e os adultos deslegitimam as tomadas de decisões e os posicionamentos desses sujeitos em “futurição”, projetos de homens e mulheres. A sensação de vir-a-ser, de um devir, de um “lugar nenhum” na sociedade, inquieta esses sujeitos que contêm em si, o tempo todo, o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

Segundo Pais (2006), há duas maneiras de se abordar as culturas juvenis: sob a perspectiva das socializações que as prescrevem ou a partir das suas expressividades cotidianas. A primeira forma de compreensão apóia-se nos “ tradicionais estatutos de passagem” da adolescência para a vida adulta, nos quais os jovens adequavam-se às prescrições impostas pelo mundo adulto. Em relação à perspectiva de acessar as culturas juvenis mediante as suas expressividades, afirma o seguinte: *As culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe* (2006: 7).

As investigações realizadas mostraram que é a relação com a família, o controle exercido por ela, as vivências das jovens com suas mães e pais, biológicos ou não, um dos fatores que poderia elucidar a questão central da pesquisa: os sentidos da automutilação para essas jovens mulheres.

Considero como práticas familiares um conjunto de apoios, de comportamentos, de transmissão de valores e visões de mundo que é acionado pelos membros do núcleo parental para socializar as crianças e os/ as jovens. Os arranjos das relações familiares são múltiplos, existem diversos modelos de organização das relações de poder e hierarquização, porém, estes se encontram entre as seguintes polaridades: as práticas podem ser desenvolvidas através de um modelo dialogado (democrático) ou de um

modelo de disciplinamento autoritário, estabelecendo, assim, o ambiente afetivo e emocional das relações. Sabemos que não existem famílias que representem unicamente relações horizontais, as configurações destas são multifacetadas. Os arranjos e distribuições de posições, a mobilidade, as afetividades são plásticas. O que expus acima são modelizações de parentalidades. Em meio a esta dicotomização entre os modelos, encontramos as matizes das relações parentais.

Conforme Bourdieu (1996), a família apresenta-se como sujeito primordial nas relações de reprodução, tanto do ponto de vista biológico, quanto no que se refere à reprodução das relações sociais, instituindo, de modo adequado e duradouro, em seus membros, sentimentos que assegurem a integração, condição de perpetuar a unidade familiar. O conceito de família deve ser pensado em sua dinamicidade, dando conta das reconfigurações desta, ao longo das territorialidades e das temporalidades. Desta maneira, procurei compreender as relações das jovens e as suas redes de parentalidade.

Os conflitos geracionais surgiram como elementos geradores de diversas situações de angústia e frustração. As narrativas dos sujeitos investigados eram repletas de episódios de desentendimentos com os “mais velhos”. Os relatos de brigas, afastamentos e rupturas com diversos membros da família foram bastante significativos. As discordâncias giravam em torno dos hábitos, dos estilos de vida, dos lugares freqüentados pelas jovens, as amizades, questões referentes ao uso do álcool e à agressividade.

Há dois aspectos que podem ser destacados nas formas como as jovens praticantes da AM avaliam as suas interações com as mais diversas redes sociais. Resumem-se a auto-estima distorcida e a rejeição. Elas sentem-se excluídas, fracassadas, inadequadas, “outsiders”. Poderíamos pensar em abordar a questão dos rótulos, dos estigmas, de culturas transgressoras, de

identidades subvertidas (GOFFMAN, 1975; CANEVACCI, 2005; BUTLER, 2003).

Optei por acessar esses elementos por meio da noção de drama social (TURNER, 1974), de performances de gênero (BUTLER, 2003), ambos debatendo sobre a constituição de subjetividades processadas nas liminaridades, nas regiões fronteiriças. Obviamente, tratam de temporalidades e territorialidades diferentes, porém a questão da desestabilização da ordem está posta; seja entre os *Ndembu*, seja sobre as discussões atuais sobre gênero. Após esta suspensão, esta epoché, voltarei às imbricações que a rejeição e a baixa auto-estima conferem ao fenômeno da automutilação.

No que concerne à rejeição, a discussão ocorre em torno de como lidar com ela, a partir da compreensão do valor pessoal, onde o coletivo prevalece sobre o individualismo, da necessidade de estarmos atentos à forma como internalizamos as referências recebidas do meio, que interferem nas relações estabelecidas, do respeito ao limite colocado pelo outro na relação e a consciência de que o rejeitado não é vítima e sim alguém que alimentou expectativas em relação ao outro.

A reflexão acima é uma tentativa de síntese acerca do que se entende como as reverberações de alguém posicionado como vítima das rejeições enfrentadas, ao longo da vida. Será tão simples assim? Como se encadeiam as situações de constrangimento, geradas pela rejeição, e as negociações acordadas, muitas vezes silenciosamente, para corresponder às condutas esperadas por outrem, neste caso entre pais, mães e filhas? Haverá reciprocidade nas demandas?

O que encontrei no campo foi uma dificuldade expressiva em lidar com a rejeição. Não era unicamente uma vitimização, uma posição de sofredoras frente às exigências familiares. As dores imputadas pela falta de aceitação pela família, pelos pares e pela sociedade de uma maneira geral, desencadeavam

movimentos de negação de si. Daí para as experiências de autopunição era um pulo, justificando a AM como uma maneira de escapar da “realidade”.

A problemática dos conflitos não é uma novidade nos estudos das ciências sociais (SIMMEL, 1995). O conflito encontra-se presente em todas as organizações sociais, seja no trabalho, na família, nas relações conjugais etc. No entanto, as diversas configurações familiares parecem conter no seu cotidiano os conflitos como algo essencializado. Há uma violência, simbólica ou não, ritualizada nas interações entre parentes, considerada “natural”.

Havia queixas tanto de posturas repressivas quanto de atitudes negligentes por parte dos pais e mães. Essas jovens concebiam as suas relações com as figuras de autoridade como superficiais, distanciadas e conflituosas. Os embates giravam em torno da falta de negociação sobre os desejos das praticantes da AM e a imposição de modelos idealizados de uma filha ajustada aos padrões sociais partilhados pela família. Expressões como “ovelha negra”, “desequilibrada”, “inconseqüente” etc. eram a forma como os parentes as denominavam. Percebia-se o quanto estes rótulos influenciavam na auto-estima dessas mulheres.

Em busca de aprovação e de reconhecimento, essas jovens utilizavam estratégias diferentes para serem valorizadas, desde se vestirem como os pais e mães formulavam como adequadas, até a inibição de algumas escolhas não aceitas. Idealmente, o ambiente familiar deveria representar uma instância de apoio, de cuidados, de segurança, bem-estar e afeto. No entanto, para as praticantes da automutilação, quase sempre a convivência familiar apresentava-se como foco de sofrimentos.

O fenômeno da automutilação encontra-se espalhado entre povos e culturas diferentes. Como não caberia no contexto deste estudo verificar casos em outros espaços, apresento um breve relato, coletado num blog bastante

visitado pelas jovens brasileiras, de uma jovem portuguesa. As palavras desta jovem referendam os problemas narrados, pelos sujeitos desta exploração, a respeito das relações familiares.

> A familia está-se sempre a lixar. Se não fores obediente e perfeita...ciao. Para mim os cortes são apenas um ensaio para o grande final. Que merda...a maldade e a intolerância é que causam isto, mas eu não aguento mais. Se calhar nós é que somos doidos, né? Mas quem é que nos fez ficar assim? M. [15]

A responsabilização da família pela experiência da AM é uma recorrência presente em todas as entrevistas realizadas, como também nos depoimentos postados nas comunidades do Orkut. Havia, inclusive, um grupo de apoio, situado no MSN Groups[16], no qual se podia ler diversos textos orientando os pais e as mães de praticantes da AM. Este grupo foi extinto por abrigar conteúdos que não se encaixavam na proposta do *Windows Live Messanger* (ver no glossário). Um dos textos que se destacava era uma "Carta aos pais", escrita por uma jovem que se mutilava (ver anexos).

Diálogos truncados, olhares atravessados, ausência de toques e de aconchego: era desta forma que as relações com os familiares apareciam nos discursos dessas mulheres. O cotidiano transcorrido em silêncios e ocultamentos, em discussões e resmungos. As diferenças de projetos, de

[15] Depoimento extraído de um blog de Portugal. http://www.amar-ela.com/cutting-auto-mutilacao

[16] Uma das ferramentas do MSN é a possibilidade de criar fóruns de discussão e compartilhamento de histórias, mediante algumas ações. **"Conecte-se e colabore online. Crie um grupo para seu clube de leitura, time esportivo, colegas de estudo ou qualquer pessoa com quem você deseje se reunir." http://groups.live.com**

valores, de percepções atravessavam ruidosamente esses laços. Debrucei-me no drama experimentado por essa díade (mãe e filha), com seus tensionamentos e expansões, objetivando perceber os efeitos produzidos nas visões de mundo.

Pude observar o quanto as conexões entre mães e filhas, no que se refere ao universo da AM, principalmente, podiam ser rompidas através de uma entrevista com uma jovem participante da comunidade NAM OFICIAL.

A história da relação de V. com a sua mãe foi marcada por fortes e duras cenas de enfrentamentos. Esta jovem de 29 anos, escritora e webdesigner, contou-me que as brigas com a figura materna remontavam às suas primeiras lembranças da infância. Segundo ela, a sua referência de maternagem era a avó materna, que intermediava a comunicação dela com a mãe.

O fato de morarem numa pequena cidade do interior fluminense exacerbava a preocupação da mãe com o que os outros poderiam pensar a respeito do comportamento dela, que deveria ser irrepreensível. Desde a infância V. era cobrada e coibida em cada passo que dava. Face ao modelo imposto por sua mãe, ela sentia-se na obrigação de ser a filha que era projetada por sua família, agradando e acatando aquilo que era considerado correto: “ser feminina”, “ser formada”, estar trabalhando, constituir família, ser católica, freqüentar a igreja e “ser equilibrada”.

A distância entre mãe e filha aumentou durante a adolescência, pois, as experiências, desejos e comportamentos tornaram-se cada vez mais díspares. É importante destacar este período na vida das mulheres (mães e filhas), no qual os processos de amadurecimento de uma e de outra provocam ainda mais estranhamentos, ou seja, a mãe representa a mulher que a jovem virá a ser, enquanto que a filha traz à tona a jovem que a mãe foi um dia. Confrontos são mais comuns: mães querem que as filhas sejam felizes, dentro de suas

perspectivas, e as filhas passam a negar a tal da “experiência das mais velhas e/ou vividas”, desafiando as projeções maternas. Umas e outras já não encarnam os ideais, percebem-se as fragilidades, as incoerências, as contradições das mães: não são perfeitas!

Essa é uma visão generalizada acerca da ritualização da conflitualidade entre mães e filhas, no entanto, foi o padrão de relações encontrado nas narrativas da maioria das jovens praticantes da AM. O caso de V. é o mais rico em detalhes, na medida em que ela fazia menção, constantemente, a eventos envolvendo a mãe e nomeando-a como principal responsável pelos seus sofrimentos. Reproduzo um dos relatos de V., escrito no dia das mães, em maio de 2009, no qual pude encontrar um eixo de desdobramento das tensões entre elas. Fugir dos modelos, dos padrões era uma das tônicas nos discursos dessas jovens. Segue um desabafo de V. sobre seus antagonismos com a figura da mãe.

> *“Mãe é aquela que cria, não é aquela que vigia 24h por dia os passos de seu filho, invadindo sua privacidade e rondando a vida de seu filho como uma sombra. Não é aquela que julga. É aquela que respeita as diferenças existentes dentro de si, dentro de seu filho, dentro de sua própria família. Talvez eu quisesse falar isso para minha mãe, mas sei que ela não quer me escutar. E, mais uma vez em minha vida, passarei esse domingo triste por não poder abraçá-la. Ela não quer me abraçar mais. É contagioso? Dói? Bom, falta alguma coisa?Ah, falta, sim...Hoje posso estar sentindo a dor de ser o que eu sou (sim, sou GAY), amanhã posso estar sentindo a delícia de ser o que sou (sim, sou GAY). É uma roda-viva. É e será assim sucessivamente...”*

Depoimentos como o de V. mostraram-se recorrentes, durante todo o processo de coleta de dados. As relações tempestuosas entre gerações diferentes – particularmente, nos casos das jovens entrevistadas – levantaram algumas questões relevantes para a interpretação das posturas das praticantes da AM. As referências maternas eram descritas como negativas, seja quanto aos cuidados, carinho e atenção entendidos por elas como características de uma maternagem idealizada; como também aos casos de mães opressoras, vigilantes, "guardiãs" da moral e dos bons costumes. Ao definir as referências maternas dos sujeitos de pesquisa como negativas, a intenção é ponderar a menção a essas figuras de autoridade e afeto como "mães ausentes" e "mães excessivas".[17]

As palavras de V. manifestam não apenas a dor pela não aceitação de sua orientação sexual, há um apelo por reconhecimento, o "grito" por uma falta: um abraço da mãe, que significaria o acolhimento da sua filha a despeito de quaisquer estereótipos. As respostas não demoraram a surgir: cortar-se, beber, usar drogas, tentativas de suicídio. Estas soluções não eram exclusivas, nem isoladas. A maior parte das praticantes da AM usa desses expedientes que, no entendimento delas, aliviam as "dores da alma" transferindo-as para o corpo.

Inicialmente, esta seção sobre as conflitualidades experimentadas pelas jovens, neste estudo marcadamente exploratório, desenhava-se como uma análise das sensações de não adequação, de não-pertencimento ao meio social. Entretanto, as narrativas acerca das vinculações entre mães e filhas avolumaram-se, apontando para um olhar mais demorado sobre os conteúdos, formatos e manifestações das mesmas nas falas dessas jovens.

Neste momento da pesquisa, os estudos de gênero tornaram-se fundamentais, especialmente no que tange ao processo de vir-a-ser-mulher,

[17] Esta categorização foi elaborada conforme as nomeações citadas em todos os elementos de coleta de dados.

pois, como escreveu Beauvoir (1949), não se nasce mulher, torna-se mulher. Esta construção de feminilidades centralizou boa parte das angústias das jovens envolvidas no drama da automutilação. Como já mencionei anteriormente, a ausência ou a presença das figuras de maternagem afetavam de forma decisiva a como cada uma dessas mulheres atravessavam os rituais de passagem e a experimentação do "ser mulher".

A figura paterna apareceu como simbolização de cenas de violência, com as cônjuges ou com as filhas, ou como um sujeito alheio e alienado da formação de suas filhas. Os pais foram citados como agentes de agressões físicas, na maior parte das narrativas, ou simplesmente como pessoas sem importância, a representação do afeto, dos limites e dos princípios familiares localizavam-se nas mães. As relações entre os cônjuges e suas implicações na construção de identidade das jovens da AM foram pouco citadas, porém, alguns depoimentos despertaram-me para o fato da presença masculina ser apontada como ausência.

No seu livro *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e prática feminista*, Gregori afirma que *"as mulheres não se submetem à violência apenas devido a sua condição de opressão, mas como uma prática de adaptação e negociação entre os sexos, no sentido de satisfazer o desejo de preservação do espaço doméstico"* (1993: 49). Penso que existam inúmeras negociações nas relações de conjugalidade, há ganhos, dos quais, muitas vezes, as mulheres em situação de violência doméstica não querem ou não podem prescindir. Entender as subjetividades femininas apenas como ser passivo, sem reações e resistências é minimizar o seu estatuto de mulher. Relacionei a questão da vitimização ao universo da minha investigação: na prática da automutilação, a maior parte das jovens sofreu algum tipo de violência, podendo, portanto, serem vistas como vítimas e agentes da violência.

Existem poucas referências a respeito das relações afetivas, tanto delas quanto das suas mães e dos seus pais, nas comunidades pesquisadas. Este é um fato interessante no perfil das comunidades enfocadas, em comparação com outras comunidades sobre a AM, que são recheadas de queixas sobre namoros, perdas, ciúmes e vingança. Não desenvolvi um estudo comparativo, pois preferi concentrar as observações nas comunidades escolhidas para o trabalho de campo.

Nas comunidades estudadas, encontrei um desabafo referente à questão da conjugalidade. Neste depoimento, a jovem T., 19 anos, comentava que estava acostumada com a violência, inclusive com o “sangue escorrendo”, pois as brigas entre o seu pai e a sua mãe eram constantes, sendo a agressão física um componente dessas brigas. Ela disse que já havia presenciado, diversas vezes, espancamento do seu pai em sua mãe e que também tinha apanhado bastante dele. Sendo assim, a prática da AM, a violência nela envolvida, era um prolongamento das relações entre ela e o pai, e entre o pai e a mãe.

É interessante pensar sobre este poder conferido às mulheres, que ao cuidar e educar as suas filhas, apareciam como forças motrizes acionando sentimentos positivos e negativos. Nos casos das praticantes da AM, as vivências repressoras operavam mais enfaticamente. Elas dirigiam críticas violentas ao fato de suas mães não compreenderem, não levarem a sério e não acolherem as suas dores.

As perguntas que inauguravam as entrevistas (quando, como e por que iniciaram a prática da automutilação), geralmente, abriam caminhos para que discorressem sobre as suas vidas, desde a infância até a atualidade. Sempre tive o cuidado de não fazer dessas interlocuções um espaço e/ou momento de terapia. Focava as questões ligadas aos sentidos socioculturais de suas experiências: seus vínculos sociais, a relação com instituições de

disciplinamento, as vivências sexuais, os papéis desempenhados, a percepção que tinham acerca dos seus corpos, as cicatrizes, o que gostavam de fazer, os lugares que freqüentavam etc.

Ganhar a confiança dessas jovens não foi uma tarefa difícil, visto que, independente das minhas finalidades, desejavam ser escutadas, sem julgamentos. Além disso, havia um prazer implícito de espetacularizarem cada detalhe da vida de uma automutiladora. Suspeito, inclusive, que verbalizar as marcas dos sofrimentos inscritas violentamente nos seus corpos, simbolizava um elemento de diferenciação num sentido afirmativo, um desencadeador de uma subversão da baixa auto-estima. Um drible na posição de "estranhas" e uma sensação de empoderamento, pois, através do comportamento de risco desafiavam a vida e a morte.

Canevacci (2005) discute novos sentidos para o conceito tradicionalmente entendido como anomia, baseado nos fluxos das metrópoles contemporâneas, na tentativa de dessacralizar este conceito tão caro às Ciências Sociais[18]. Para este autor, "*a anomia é reivindicada, sofrida e gozada. A anomia tensiona e exaspera os muitos fios que inter-relacionam mídia e metrópole*." (2005: 170-171)

Neste sentido, transgredir os modelos, as prescrições da ordem, o convencional carrega não apenas as dores, mas também os prazeres de causar impacto, chocar, gritar e contestar o *status quo*. Há uma ambivalência intermitente nas narrativas dessas jovens que transitam, ora como meras depositárias dos fracassos familiares e sociais, ora como diletantes. A experiência da AM carrega a liquidez da contemporaneidade, o imediatismo das sensações, as desconstruções de "tudo que é sólido desmancha no ar"[19].

[18] Dialogando com a seguinte afirmação de Durkheim, (...) "Que essa anarquia (a anomia) seja um fenômeno mórbido é de todo evidente, pois ela é contrária ao próprio objetivo da sociedade. "

[19] BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Título do livro remete a Marx e a Engels em O Manifesto Comunista.

Os movimentos de velamento e de desvelamento interpenetram-se, podendo ocorrer concomitantemente.

2.1 SILÊNCIO, (QUASE) NINGUÉM PODE SABER!

Cutting by Rev Lower at Evolved Body Art in Columbus, Ohio.

O que pensar a respeito de um fenômeno multifacetado, que é encarado com uma atitude de pavor pela publicização, em determinadas instâncias, e com uma postura performática e exibicionista, em contextos selecionados?

É necessário compreendê-lo na complexidade das biografias pesquisadas, na medida em que as praticantes da AM imprimem diferentes significados aos efeitos destas experiências em suas trajetórias.

Seria temerário considerar a prática da AM como um comportamento característico da juventude, ou um modismo adotado por determinadas culturas juvenis. As inscrições nos corpos aparecem em diversas temporalidades e culturas: as escarificações produzidas em rituais religiosos; as tatuagens em múltiplas etnias; as tatuagens feitas como rito de passagem por "tribos urbanas", por exemplo. A dor encontra-se presente em outras modificações culturais como elemento de identificação, de superação. Há também inúmeras situações em que o sangue é utilizado ritualisticamente. Ou seja, os componentes da prática automutilatória podem ser encontrados numa multiplicidade de fenômenos socioculturais.

Em todos os aspectos elencados acima, encontramos significados sociais, políticos, religiosos, econômicos e culturais. Existem variadas abordagens sobre os mesmos, seja no campo das humanidades ou das ciências da saúde.

A dupla face da prática da AM revelou-se em algumas entrevistas e manifesta-se nos depoimentos deixados nas comunidades do ORKUT. Quando falo em concomitância, faço menção à dinâmica do mostrar-se e do não-mostrar-se, que se define pela audiência. O espaço midiático é a esfera da exibição, enquanto que aos contextos de relações face a face, de contato físico, são vedadas as pistas sobre a AM.

Há muitos vídeos sobre a automutilação no Youtube[20], o que me fez pensar sobre a intenção das pessoas em colocá-los num site que recebe milhões de visitantes diários.

20Fundado em fevereiro de 2005, é a mais popular comunidade de vídeo online./ http://www.youtube.com/t/about (tradução minha)

Este é um dos vídeos mais acessados sobre automutilação (27.439 exibições, em 10/04/10): http://www.youtube.com/watch?v=10W0jPTdL2U&feature=related

Enfrentei uma situação bastante complicada, numa das entrevistas que fiz, contemplando essa questão sobre a tentativa de me chocar através de uma dramatização da AM. Este episódio desenrolou-se na metade de uma conversa sobre as relações de D., uma jovem de 17 anos, órfã, abusada sexualmente pelo avô e pelos tios, com a sua família.

D. contou-me que já havia feito três abortos, porque os filhos eram fruto de um “ato pecaminoso”. Afirmou que se sentia impura e culpada por tudo que lhe acontecia e que era maltratada pela família, desejando a ajuda de alguém para fugir. Falou livremente sobre a sua vida, com algumas intervenções minhas, principalmente, quando fazia menção ao suicídio. As suas palavras eram desconectadas, assim como a sua linha de pensamento. Durante a entrevista, por exemplo, ela disse que era órfã, no início; logo depois, contou que era filha de uma prostituta que a abandonou na casa do avô materno. Até hoje, não descobri a realidade sobre este fato. .

Apesar da possibilidade de utilizar o recurso da webcam[21] nas entrevistas feitas no msn, optei por não recorrer a ele. Preferi manter as imagens fora da coleta de dados, a fim de deixar os sujeitos da pesquisa mais espontâneos. As nossas fotografias já se encontravam expostas nos perfis do Orkut, então, escolhi preservar o texto sem a interferência das imagens. Entendo que perdi a riqueza da leitura corporal, no entanto, as conversas não sofreram a interferência das performances nas câmeras.

A escolha pela não utilização da webcam relaciona-se ao cuidado com a exposição das jovens e à exposição das sensações que me provocavam alguns relatos. Não era fácil enfrentar o discurso das experiências com a AM, foi necessário um autocontrole reforçado para dar conta de algumas entrevistas e administrar o impacto de tantos testemunhos de sofrimento. Além disso, as

[21] A webcam é uma máquina que captura a imagem da pessoa, em tempo real, através do ambiente da internet. Algumas já vêm acopladas aos computadores e outras são móveis, um acessório. A pessoa escolhe se quer usar este recurso.

jovens preferiam não aparecer nas câmeras, alegando que ficavam mais espontâneas sem a mediação destes recursos visuais.

Após uma meia hora de conversa, ela disse que precisava ir até a cozinha e me pediu para lhe esperar. Houve um intervalo de uns cinco minutos. Repentinamente, ela ligou a webcam e se mostrou com um facão de cozinha, dizendo que iria matar-se. A minha primeira reação foi não aceitar as imagens dela, para tanto cancelei a câmara (as imagens só permanecem se as aceitarmos) e digitar rapidamente frases que a demovesse daquela idéia.

Depois de muita conversa, ela acalmou-se e reiniciou a conversa como se nada tivesse acontecido. Contou-me que a AM era uma forma de escapar da realidade e de fazer o sangue poluído sair do seu corpo. Perguntei se a avó dela não a ajudaria. D. respondeu enfaticamente que não, pois a avó já possuía seus problemas e nem notava a existência dela. Finalizei a entrevista com a sensação de que a maior parte das informações era fictícia. D. era membro da ÑAM, mas, pouco depois desapareceu. Não pude, assim, dar continuidade, nem aprofundar outros dados sobre a vida desta jovem.

As ameaças de cortes e suicídios eram constantes, surgiam em diversos momentos. Ao longo destes dois anos de trabalho de campo, passei por muitas situações semelhantes. Cheguei a contar cerca de vinte internações por tentativas de suicídio cometidas por essas jovens, e algumas intervenções psiquiátricas.

É importante ressaltar que, na maioria dos casos, foram as mães que socorreram e cuidaram dessas jovens. Ainda assim, as declarações de insatisfação com a figura materna continuavam. As críticas variavam: iam desde a postura submissa das mães em relação aos seus maridos (nem sempre os pais dessas jovens) até a rigidez na cobrança da obediência às regras e normas familiares e a adequação aos padrões morais.

Os conflitos mais expressivos relacionavam-se às questões da orientação sexual, da falta de respeito com aquilo que era considerado correto pelas gerações mais velhas, ao uso do álcool e de outras drogas e ao mau desempenho na escola e/ou universidade.

As questões ligadas ao desinteresse pela vida, ao desânimo e aos transtornos psíquicos eram encaradas, segundo as entrevistadas, como "frescura", como maneiras de "chamar a atenção". Estes julgamentos geravam revolta e tristeza nessas jovens, que, de uma maneira geral, apelavam para ser notadas e reconhecidas como portadoras de dores de ordem emocional, ou de "dores na alma", como elas costumavam falar.

Ao longo das entrevistas, houve diversos momentos em que o meu desejo era amparar e dar colo a cada uma dessas jovens. Fazia um esforço hercúleo para não fazer a maternagem, no entanto, aconteceram situações que excederam o meu papel de pesquisadora e se instalou uma mistura. Como as entrevistas eram abertas, apenas umas perguntas focais integravam este instrumento, passava horas "escutando"[22] as suas histórias de vida, suas inseguranças, seus medos, seus projetos etc.

Decidi excluir da minha análise aquelas jovens com as quais havia ultrapassado os limites dos requisitos necessários a uma postura mais distanciada. Estas passaram a ser amigas, cujos vínculos perduraram para além da investigação. Sem sombra de dúvidas esses laços permitiram um mergulho mais profundo e um olhar mais afetuoso no tocante à experiência da automutilação. De certa forma, estas jovens continuaram enriquecendo a pesquisa, ainda que não mais as encarasse como "informantes".

Outro aspecto que merece uma atenção especial refere-se aos conflitos gerados nas próprias comunidades do ORKUT. Idealizado como um "lar", onde

[22] As entrevistas foram realizadas através do MSN, um site de relacionamentos, que permite estabelecer conversas em tempo real. Maiores detalhes no glossário.

elas poderiam ser e dizer qualquer coisa, também era recheado de confrontos entre seus membros. Aos poucos, os laços de afinidades, as ajudas iam estreitando os vínculos e criando uma intimidade “familiar”. A fim de ilustrar uma das contendas da comunidade ÑAM, transportei os desabafos abaixo, exatamente no formato de postagem nos fóruns das comunidades do ORKUT.

Doença ou não?
~Hoje, eu tava vagando pela net, quando resolvi dar uma olhadinha aqui na comunidade. Sabe gente, eu percebi que muitas pessoas aqui, são apenas participantes não-ativos. Como eu tbm era, até algum tempo atrás. E percebi também que muitas meninas que postam aqui, não consideram AM uma doença. Hoje, em um dos tópicos eu li uma frase: _AM não é doença. porque quando vcs falam doença parece algo contagioso como a Aids. Eu me senti muito mal com isso. Afinal, eu entrei nessa comu, e mostrei o meu rosto, mostrei o que eu sentia porque aqui... eu achava que não tinha o chamado: "preconceito!" Aids, gripe, AM... todas são doenças, de forma diferente mas todas são doenças! E por favor, eu não to condenando ninguém aqui, longe de mim isso. Mas... Se você tem preconceito com as outras pessoas, porque você está aqui, se achando no direito de pedir seus direitos, sendo que você condena as outras pessoas? ~durante muito tempo eu ouvi e ouço até hoje frases maldosas como: _Nossa, ela se corta para chamar a atenção. Ela se corta porque é uma babaca. Ela entrou naquela comunidade com um bando de loosers. Quem se corta merece morrer... E eu acho que é a mesma em qualquer caso, preconceito é errado. E dói muito pra quem recebe.

Estou errada?
Ou será que alguém chega aqui e pergunta:
-Oi, vc pratica AM? porque se vc naum pratica eu não sou sua amiga.
ou...
-Oi, vc tem Adis? porque se vc tiver, não quero ser sua amiga nunca!
Por favor, o preconceito deveria não existir em qualquer lugar,
mas principalmente aqui. Onde todas sofremos, ou um dia já passamos
por situações relacionadas ao preconceito.

Disulpa o desabafo, mas...
Eu sou praticante de AM, não me orgulho disso...
Tento parar, mas acho extremamente injusto
qualquer pessoa daqui, condenar qualquer outra
pessoa!

Força meninas!

K., 17 anos

Dezembro/ 2009

Esta celeuma foi desencadeada por um comentário de um membro da comunidade que comparou a prática da AM com os portadores do HIV. No entanto, observa-se no desabafo de K. o quanto essas jovens sofrem com a ignorância da sociedade diante da automutilação. Aliás, os mais próximos, inclusive, desconhecem os sofrimentos e o desalento dessas mulheres, em processo de constituição das suas posições no mundo social.

Acompanhei um desentendimento engendrado por interpretações equivocadas a respeito das afetividades de algumas dessas jovens. Foram muitas confusões, crises existenciais, inseguranças quanto à orientação sexual, dentro e fora do ambiente da comunidade, que resultou na ruptura de

algumas relações. Houve um racha e a comunidade dividiu-se em duas instâncias. Muitos membros abandonaram a ÑAM e, uns seis meses depois, antigas participantes desta comunidade deram origem a outra.

A nova comunidade foi nomeada como [Oficial] Não À Automutilação, moderada por dissidentes da ÑAM, mas utilizando a imagem que representava a comunidade anterior. Ambas continuam cumprindo seus objetivos e agregando novos participantes. O incremento das comunidades dá margens a algumas interpretações: o número de praticantes da AM cresceu; as pessoas estão assumindo esta prática e procurando amparo; aumentou o número de curiosos sobre o tema; etc.

Não há uma interpretação precisa acerca da influência dos conflitos familiares e a experiência da AM. Nem posso, tampouco, afirmar que este fenômeno é uma forma de protesto contra esta sociedade que congela sorrisos, que elogia a tal da inteligência emocional e condena o fracasso dos que não consomem as pílulas diárias de felicidade. As tristezas cotidianas cedem lugar para os diagnósticos de depressão, as frustrações são encaradas como traumas indeléveis. Como é possível atravessar a dor de ser, num mundo em que as pessoas possuem o “dom da felicidade”, muitas vezes comprado em drogarias e em espaços dedicados à estética do bem-estar.

CAPÍTULO 3. A (IN) DISCIPLINA NA EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO

Pensar a automutilação como uma experiência transgressora da ordem social implica na reflexão sobre a socialização das jovens que a praticam. Para iniciar uma ponderação a respeito da socialização, recorri aos comentários de Lévi-Strauss acerca da importância e da atualidade do pensamento de Mauss (2003: 11- 46), na introdução da obra *Sociologia e Antropologia*, uma coletânea de estudos de Mauss:

> É por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos: "As crianças são treinadas... a controlar reflexos... inibir seus medos... selecionar paradas e movimentos. " (...) "A educação da criança é repleta daquilo que chamamos detalhes, mas que são essenciais." (2003: 12)

A educação de crianças e jovens transformou-se bastante, nas últimas décadas, porém, o disciplinamento e o controle do corpo permanecem modelando a constituição das identidades. Atitudes disciplinadoras que pareceriam "detalhes", podem tornar-se fundamentais no processo de socialização. Constatei nas falas das jovens praticantes da AM remissões às prescrições da família, da escola, da igreja e das instituições sociais de forma geral, como elementos decisivos nos usos e práticas corporais.

A experiência da AM reafirma aprendizagens e realiza desaprendizagens ao desconstruir as imagens idealizadas de obediência aos padrões impostos pelas instituições promotoras e reguladoras da ordem.

Reafirma aprendizagens à medida que a violência vivenciada no âmbito doméstico é reproduzida nos seus corpos, por exemplo.

Meninas foram e ainda são, em muitos casos, criadas para encarnarem os papéis de esposa, mãe, dona de casa, suave, feminina, terna... “boazinha”. Estas foram algumas das adjetivações trazidas pelas interlocutoras deste estudo. Perguntadas se este não era um modelo em desuso, afirmaram, categoricamente, que não. Acrescentados a esses predicativos, há uma expectativa de que se tornem pessoas realizadas profissionalmente.

“Além dos estímulos implícitos recebidos do grupo de pertencimento, cada ator reage à dor com seu próprio estilo,” A partir desta afirmação, Le Breton (2006: 54), estabelece algumas considerações sobre a educação recebida e o tipo de afetividade relacionada à figura materna, destacando as diferenças entre meninos e meninas na forma como devem lidar com a dor. Levando em conta as sociedades ocidentais, aponta a tolerância e, mais que isso, o encorajamento das manifestações de sensibilidade das meninas, supostamente mais delicadas que os meninos. Desta forma, as lágrimas, por exemplo, são compreendidas como uma expressão da feminilidade.

As pesquisas e a bibliografia sobre gênero têm versado sobre as múltiplas formas de dominação e sujeição das mulheres, no decorrer da história (SAFIOTTI, 2001; GREGORI, 1993; BUTLER, 2001, 2003). Obviamente, muitas posturas transformaram-se, porém, encontramos, ainda hoje, tradições que se perpetuam nos comportamentos, nas relações assimétricas (de classe, de raça, de capital intelectual, de gênero etc.). Estas assimetrias refletem os mecanismos de disciplinamento, culturalmente fabricados para garantir a articulação do poder, tanto na esfera privada quanto na pública.

Os dispositivos de disciplinamento refletem padrões de sociabilidade, estilos de vida, modelos de hierarquização da sociedade, na qual ainda podemos encontrar os resquícios do discurso regulador do patriarcado.

Seria a automutilação uma simbolização de resistência às descontinuidades e ambigüidades do vir-a-ser mulher, numa sociedade ainda marcada pela falta de equidade nas relações de gênero? Até que ponto os padrões, as prescrições e os interditos da sociedade contemporânea estimulam essa forma de linguagem?

Foucault (2000) apresenta, fundamentado na sua genealogia, as estratégias para se excluir o anormal, o perigoso, por meio de confinamentos, juntamente com processos disciplinares que visavam a tornar os corpos dóceis e submissos, a partir dos séculos XVII e XVIII. Sempre houve formas de dominação exercidas nos mais diversos tempos e espaços: organizações militares, família, ordem religiosas, colégios, hospitais, presídios, entre outros. Os mecanismos de disciplina e controle, no entanto, sofrem alterações e se aprimoram no princípio da chamada contemporaneidade.

Na obra de Foucault deparamo-nos com uma “microfísica do poder”, por meio da qual o poder não se exerce de uma única instância, como o indivíduo ou a classe, mas enraíza-se por toda uma rede de instituições disciplinares. Para este autor:

> A burguesia compreende perfeitamente que uma nova legislação ou uma nova constituição não serão suficientes para garantir sua hegemonia; ela compreende que deve inventar uma nova tecnologia que assegurará a irrigação dos efeitos do poder por todo o corpo social, até mesmo em suas menores partículas. (FOUCAULT, 1979: 218)

Viver em sociedade implica em processos de adaptações e readaptações, no cumprimento de normas e leis, na partilha dos hábitos, costumes e valores das redes sociais. Um projeto de civilização e uma determinada ética são postos como balizadores das atitudes dos sujeitos que, por meio da internalização das normas sociais, são disciplinados para reproduzirem os valores e princípios da sociedade.

O cotidiano não se desenrola pautado em princípios generalizantes, é um fazer e um ser contínuo, impregnado de situações concretas e contextualizadas. Qual o sentido das leis e de preceitos morais para as juventudes ocidentais contemporâneas, cujos paradigmas são os da descartabilidade, da fluidez, do imediatismo, do consumismo, da exacerbação do individualismo e dos comportamentos de risco?

Canevacci (2005: 30-31) analisa as juventudes contemporâneas, sobre as quais afirma que:

> Não se é mais jovem do modo objetivo ou coletivo, mas sim transitivo. Transita-se ao longo de uma condição variável e indeterminável, atravessa-se essa condição de acordo com modalidades determinadas pelas individualidades momentâneas do sujeito-jovem. Das contrações entre seus vários, heterogêneos, múltiplos eus (selves).

A experiência da AM traduz essa multiplicidade de individualidades, expressando a urgência de sentir, na busca de soluções instantâneas para enfrentarem as limitações e os sofrimentos em suas vidas. Ao muitilarem seus corpos, essas jovens recorrem a uma linguagem que desafia a ordem do discurso normativo. O diálogo com a família, com a escola, com os pares e com a própria sociedade não se efetiva dentro das formas padronizadas de comunicação. Os registros das suas incertezas são textualizados na

concretude da pele, na fluidez do sangue, produzindo gritos silenciosos para se expressarem.

Os poderes instituídos e constituídos passam por profundas crises de legitimidade. As instituições sociais que regulam e formalizam a vida coletiva já não mais satisfazem as demandas sociais. Não é por acaso que tantas políticas públicas especiais têm sido acionadas para contemplar setores da sociedade historicamente menosprezados (cotas para negros, estatutos para crianças, adolescentes e idosos, políticas especiais acerca do enfrentamento da violência contra as mulheres etc.). A experiência da AM encontra-se inserida neste contexto, no qual as referências de proteção e de autoridade são postas em dúvida, no momento em que se sentem desamparadas para atravessar o que elas nomeiam de “dores da alma”.

Essas referências de proteção, amparo e suporte dizem respeito tanto à instituição familiar quanto à rede pública de saúde. Segundo as narrativas das praticantes da AM, suas famílias “fazem de conta” que não percebem as marcas e as pistas deixadas pela AM, ou quando conhecem o fato, partem para a censura e para a repressão, inviabilizando um diálogo, o que provoca revolta e as distanciam das famílias. Outra instituição bastante criticada por elas é a rede pública de saúde, representada pelos seus agentes e pelos hospitais, que, para estas jovens, encontram-se despreparados para lhes atender. Acessei diversos depoimentos queixosos sobre o desconhecimento da AM, sobre a inadequação do tratamento técnico e sobre a forma preconceituosa com que são atendidas nos hospitais. Nestes relatos, pude constatar o quanto elas se sentem excluídas pela sociedade, na medida em que não são acolhidas e reconhecidas como sujeitos que sofrem, mas pré-julgadas e reprimidas como pessoas indisciplinadas.

3.1 IN (DISCIPLINA) E DISPOSITIVOS DE PODER

Os dispositivos[23] de poder e disciplinamento da sociedade – escolas, famílias, igrejas, manicômios, penitenciárias, polícia, partidos políticos, sistema judiciário, mídia – passam por reformulações e redefinições das suas funções sociais. Novas configurações vêm surgindo com a intenção de reordenar os fundamentos das suas organizações e razões de existência.

Parti do método genealógico de Foucault (2000), segundo o qual a singularidade dos acontecimentos deve ser buscada nas práticas cotidianas, nos detalhes. Baseada nesta referência, procurei identificar nas circunstâncias de cada jovem mulher os reflexos das relações de poder em suas biografias.

Essa reflexão precede uma tentativa de posicionar as problemáticas relacionadas ao fato de ser jovem, em contextos específicos, em realidades que, assim como as múltiplas juventudes, processam identidades.

Se considerarmos a determinação dos limites e padrões administrados pelas famílias, faz-se necessária uma remissão ao controle das próprias necessidades fisiológicas, ou seja, aquilo que é da ordem da natureza – defecar, urinar – é culturalmente orientado. Podemos pensar até mesmo na definição dos papéis sociais, no período da gestação, no qual o enxoval é escolhido de acordo com o sexo. E daí em diante, as subjetividades, para além do aparato biopsíquico, são direcionadas para uma orientação sexual específica.

Afora os poderes representados pela família, pela escola, pelos agentes de saúde e pela mídia, foi revelada uma esfera da vida dessas jovens que é

[23] A noção de dispositivo corresponde a uma espécie de rede estratégica que, simultaneamente, constitui as práticas e permite apreendê-las em sua inteligibilidade. (Ver FOUCAULT, 1990, p.244, *apud* PAIVA, 2000, p.111)

tangenciada, ou melhor, tocada por todos os dispositivos já citados: a dimensão da sexualidade

Há dois elementos que são recorrentes nas histórias de vida dessas jovens: abuso sexual e homossexualidade. Não poderia jamais estabelecer uma generalização, na medida em que o escopo deste estudo não abarca quantificações. Existem, contudo, muitos relatos de abuso sexual por parentes dessas moças e uma amostra considerável de bissexualidade e homossexualidade.

A orientação sexual das jovens era mencionada e discutida, nas comunidades virtuais, apenas quando se referia à homossexualidade, encarada como um grande entrave para a inserção na sociedade. A rejeição e o preconceito das famílias desencadeavam muitos desabafos e confissões, no ORKUT, espaço em que podiam assumir e reafirmar suas identidades. A discriminação e o disciplinamento da sexualidade aconteciam fora do mundo virtual, começando pela rejeição das famílias, que além de desaprovar tentavam coibir a vida sexual “anormal” das suas filhas.

Selecionei dois depoimentos que retratam as questões discutidas:

> “*eu passei longe de ser uma criança normal, alias, o que é ser normal?... me lembro de quase morrer de ciumes quando minha prima nasceu, senti que tinha perdido meu tio... coisas de criança! quando completei 5 anos meu pai faleceu, ai sim eu descobri a dor de perder alguém de verdade... assim que ele morreu, eu não sabia mto bem o porque, mas me culpava por isso, e queria assumir todas as responsabilidades. Claro como se uma criança de 5 anos fosse poder trabalhar pra susutentar uma familia e capaz de compreender todos os problemas e encontrar soluções. Ai eu me frustrei, por me senitr incapaz de ajudar aqueles que eu amava! Passamos*

por um perrengue danado, só não passamos fome porque meus tios de Sergipe nos ajudaram... a familia do meu pai se afastou de nós, logo ficamos apenas eu, minha mãe e meu irmão! aos trancos e barrancos seguimos nossa vida! ai eu percebi que era diferente mesmo! era diferente das outras crianças, depois dos outros pré-adolescentes, depois diferente dos adolescentes... eu era isolada, timida, magrela, com cabelo ruim, desengonçada e excluida! Acho que nem preciso falar que sofri bulling, né? eu tinha bolsa de estudos, e era uma "pobre" em escola particular! Aquele bando de patricinhas sabiam como deixar alguém pra baixo! (uma nota: em 2003 eu conheci uma menina, e com ela aprendi o que era AMOR! minha mãe foi plenamente contra e até gente me vigiando tinha pra saber se eu ia encontrar com ela ou não... nessa época achei que o amor era uma piada, e a vida também, mas segui "normalmente" como antes)" R., 24 anos

"***[DESABAFO] A dor e a delícia de ser o que é...***

Um trecho de uma música de Caetano Veloso é extremamente sábia (como muitas músicas que tanto admiro):

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...

(Dom de iludir)

Uma coisa me é extremamente revoltante: ***preconceito*** *que, de quebra, leva conjugado dentro de si uma mescla de* ***paranóia*** *(e olha que isso chegaria a ser mais psiquiátrico em muitas pessoas do que nós que transportamos transtornos) e* ***mente retrógrada****.*

Há um bom tempo atrás eu tinha um blog (ah, sim, um dos inúmeros que tive e ainda tenho ou tento ter no decorrer de minha vida internauta) e ele falava justamente sobre o preconceito vivido de maneira geral. O nome dele na época era ***Não nos importamos****.*

Uma vez levantei a questão polêmica existente dentro de nossa sociedade: a falta de respeito para com os gays de forma geral.

A questão é: estamos em uma sociedade hetero, então ser homo é algo surreal, estrondosamente fora do contexto. E se a sociedade em que vivemos fosse homo? Os heteros também seriam considerados aberração da natureza ou não?
O ser humano deveria aprender a conviver com a evolução do planeta, mas a cada dia vejo que à medida que o planeta vai em frente (vale dizer também que ele avança na questão de novas doenças - vide a Influenza A que é a gripe suína, também chamada tecnicamente de H1N1) a sociedade regride a olhos vistos na questão de convivência entre si mesma.
Ouvi tantas vezes minha mãe dizer que adorava os gays, que eram amigos fiéis, verdadeiros, que davam a vida por seus amigos. Ela adorava viver entre eles. Ponto. E não é final.
Provavelmente seja como 99% das mães de amigos meus que conheço: "o filho dos outros não tem problema, mas ninguém encosta no meu!"
Acho um absurdo ter duas caras dessa forma. Posso até estar sendo extremamente grosseira, mas é a realidade (desculpem-me a franqueza, é verdade). Pais e mães que são de outra época - não generalizo, pois há muitos com mais idade e que aceitam sem problema algum que seu filho ou filha sejam homo ou bissexuais -, não se adaptam ao dia-a-dia da evolução em que vivemos atualmente.
Talvez o que eu venha expor aqui, uma coisa extremamente íntima de minha vida familiar, não fosse necessário. Só que eu acho que as pessoas precisam ver o estrago que podem fazer na vida das outras." V., 29 anos

Estes depoimentos explicitam as dificuldades enfrentadas por todas que não se enquadram no essencialismo heteronormativo. Penso que além da não-

aceitação da família e da sociedade de uma forma geral, as jovens de orientação homossexual também têm dificuldades de se assumirem. Sentem-se tão fora dos padrões que se punem, machucam o corpo na intenção de protestar contra si mesmas. Atravessar as situações de rejeição por parte das pessoas próximas e viver abertamente os seus amores demanda um esforço enorme dessas jovens. As suas falas acerca dos preconceitos e atitudes discriminatórias expressam não apenas uma revolta contra estas posturas, mas uma dor pelo fato de não preencher as expectativas da "normalidade".

Quanto à questão do abuso sexual, elas diziam sentir nojo do próprio corpo, já que este havia sido violado. Foram relatos muito dolorosos, algumas delas preferiram não tocar no assunto, outras afirmavam que havia uma lacuna em suas memórias. A violência tinha sido praticada, na maior parte das vezes, por homens da família delas, o que tornava a experiência mais aterradora para essas jovens. Indagava se o fato de terem sido vítimas de violência relacionava-se com a prática da AM. As entrevistadas confirmavam a minha suspeita, relatando como se sentiam culpadas – como se fossem cúmplices – e viam seus corpos como impuros.

As narrativas das jovens sobre as suas orientações sexuais eram encobertas por um disfarce, tanto para as comunidades, quanto para mim. Quando falavam sobre os namoros e paixões, queixavam-se das dificuldades de vivenciar essas relações plenamente. Havia sempre uma suspeita e uma insinuação de que seus relacionamentos não eram "normais". Usavam esta expressão "normal" para denotar os namoros e as "ficadas" heterossexuais. Reproduzem o que Butler (2003: 24-26) considera como "a ordem compulsória do Sexo/Gênero/Desejo, questionando se a biologia é o destino e problematizando a perspectiva dualista entre SEXO/ NATUREZA e GÊNERO/ CULTURA.

A regulação da sexualidade é tão marcante, que discorrer sobre ela parecia mais constrangedor do que detalhar os rituais da AM. Mais uma vez, o resultado de uma formação opressora ecoava na vida dessas moças.

A dimensão da sexualidade acompanha uma série de tabus, a preparação das crianças e jovens, nas escolas, é feita sob o ponto de vista fisiológico, nas escolas. A afetividade, o desejo, o prazer são omitidos das discussões sobre o tema. Em relação às jovens com as quais trabalhei, não houve diálogos com as famílias sobre as questões sexuais, nem tampouco nas escolas freqüentadas. Esta não é uma prerrogativa deste grupo, as interlocuções sobre a temática da sexualidade acontecem entre os pares; as informações são obtidas através da mídia (televisão, cinema, internet, revistas e livros de auto-ajuda).

O ingresso na escola referenda a divisão sexual e social dos/ das estudantes iniciada pelas famílias. Espaço de socialização estruturante, a instituição escolar é porta de acesso para novos laços sociais, assim como para a aprendizagem de normatizações mais abrangentes.

A socialização no meio escolar abrange diversos mecanismos de adaptação ao meio social, desde o cumprimento ao respeito às diferenças (ou não). Há regularizações e padrões disciplinares a serem observados: fardamento, assiduidade, realização de tarefas, uso do espaço coletivo, obediência às autoridades (diretores, coordenadores, psicólogos, inspetores de disciplina etc.). É preciso andar conforme “reza a cartilha” e, esta tal obediência tem provocado conflitos numerosos. Os educadores do conhecimento formalizado têm tido como foco de atenção a (in) disciplina das gerações atuais.

As queixas do tipo “no meu tempo, os jovens respeitavam a figura do professor”, “nada interessa esses alunas e alunas”, “esse povo não quer nada com a vida” e por aí vai. As famílias são responsabilizadas por jogarem para as

escolas funções que, tradicionalmente, seriam da sua alçada e as famílias reclamam da falta de limites colocados pelas escolas. Há uma constante troca de acusações. Uma alternativa que tem sido utilizada para “dar conta” desses jovens é a chamada parceria escola-família, acreditando que, juntas, encontrarão soluções de contenção e de projetos mais adequados para os “futuros cidadãos”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (L.D.B.E.N.) orienta as instituições educacionais a elaborarem os seus projetos político pedagógicos, convocando as escolas para definirem as suas concepções de mundo, de homem, de educação, de aluno/a etc. A fim de cumprir as determinações desta lei, a maioria das escolas afirmam-se como socio-interacionistas, socioconstrutivistas ou construtivistas.

O Projeto Político Pedagógico da escola tem como eixo das suas intenções a formação integral dos alunos e das alunas, propiciando oportunidades de ensino-aprendizagem que estimulem e desenvolvam habilidades e competências para que se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Partindo dos quatro pilares do conhecimento (*aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser*), mais do que transmitir informações, a escola deveria fomentar a curiosidade, o hábito e o desejo de conhecer significativamente os saberes histórica e socialmente construídos pela humanidade.

Tornou-se muito raro encontrar escolas que se identifiquem como “tradicionais”, pois este rótulo contradiz o que se pensa e se debate sobre os processos de ensino-aprendizagem. Na prática, as escolas, salvo raríssimas exceções, possuem uma abordagem multidimensional dos seus aprendizes. A didática permanece centralizada na figura do/da professor/professora, os/as alunos/ alunas figuram como receptores de informações mastigadas e vomitadas, sem que se apropriem da construção dos saberes formalizados. As

próprias salas de aula reforçam o modelo de transmissão-recepção: há uma mesa para o professor no centro e várias cadeiras enfileiradas, separadas por uma distância que dificulte a comunicação entre os discentes.

Entendendo que a Escola não é uma mera soma de parceiros casuais, recursos quase sempre precários, com uma função social desprestigiada, mas sim que é um *lócus* privilegiado para a construção de cabeças pensantes e de pessoas sensíveis, é de grande importância que a mesma estabeleça interações com o meio circundante. Estimulando o exercício da alteridade, ou seja, cada sujeito da comunidade escolar deve colocar-se no lugar do outro, descentrando-se e percebendo as potencialidades e as fragilidades deste, podendo assim reconhecer a diferença e respeitar a diversidade. Este é um ideal de instituição voltada para o reconhecimento das diversidades (MORIN, 2001).

No meio educacional, há uma espécie de constatação na qual se reconhece que o mundo transforma-se aceleradamente, mas as escolas continuam inadequadas em suas estruturas físicas e na práxis pedagógica. Pergunto-me onde se encaixam as propostas de reformulação da educação, instância fundamental na formação de sujeitos pensantes, autônomos, críticos, criativos, solidários e transformadores de mundos? Engavetadas.

O que ocorre, realmente, é a reprodução dos valores e padrões cristalizados da sociedade, vigiando e punindo aqueles/ aquelas que não se enquadram. Discute-se muito uma prática antiga, nos meios escolares, de rotular e estigmatizar pessoas: o BULLYING. Aqueles/ aquelas estudantes que não se encaixam nas diferentes “tribos” (descolados, pagodeiros, roqueiros, “patricinhas”, bagunceiros, dentre outras), que não correspondem aos padrões estéticos ou comportamentais, geralmente, são excluídos tanto através do isolamento como por meio de rotulações depreciativas.

As instituições educacionais regulam a disciplina, aplicam sanções e punições em situações em que o seu poder é questionado pelas atitudes dos/ das estudantes. A utilização da prova como dispositivo de poder, por exemplo, é um artifício amplamente utilizado para controlar as desordens. No entanto, as atitudes preconceituosas e discriminatórias não são priorizadas, comparando a outras dimensões contempladas pelo disciplinamento para a convivência. O Bullying reflete também as tensões entre a disciplina e a indisciplina escolar, visto que é um comportamento que reproduz a intolerância, mas que, em muitos casos, escapa ao controle das autoridades das escolas (CAPRA, 1996; MC LAREN, 2001).

Dentre as jovens que participaram da pesquisa, existe um número considerável de experiências discriminatórias nas escolas. Umas eram tachadas de “machonas”, outras de “baleias”, e a maioria de “esquisitas”. Em muitos casos com a conivência dos profissionais da educação, que se eximiam de uma intervenção. Atualmente, a questão do Bullying é colocada como tema transversal dos currículos. O espaço virtual também apresenta as suas versões do fenômeno: *cyber-bullying.*[24]

O fato das comunidades de automutilação acolherem e, aparentemente, reconhecerem as singularidades, faz com que estes espaços sejam uma “terra sem lei”, ainda que haja um regulamento em cada comunidade. Ainda assim, há uma aceitação das transgressões das ordens cotidianas. A pressão, a recriminação e o controle do sujeito passam ao largo das normatizações desse mundo “paralelo”.

Segundo Mantega (1979:39), vivemos em uma sociedade autovigilante e persecutória. Confirmando esta consideração estão as nossas formas de lidar com o que os outros vão pensar: sobre o que falamos, sobre o que vestimos,

[24] Ver abaixo-assinado para a criação da Lei Anti-Bullying. http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/601

sobre o que fazemos. A ênfase nos sinais exteriores de riqueza, de conhecimento, de sucesso, de popularidade, entre tantos outros, promovem naqueles/naquelas que não atingem esses padrões o sentimento de não “ter dado certo”. Transponho abaixo um texto postado na ÑAM, no qual podemos identificar uma tentativa de autocontrole, de autovigilância. As praticantes da AM referem-se ao ato da autolesão como algo viciante, cuja “força de vontade” não é suficiente. Algumas delas solicitam dos/ das amigos e/ ou amigas ajuda para se conterem.

> “*só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj... um bisturi maravilho escondido num lugar que só eu sei... só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj,só mais hoje, só por hj... gilete,.*
> *...* socorro....” H., 28 anos.

Esta mulher pode ser considerada uma adulta, o que pressupõe um amadurecimento maior para administrar os sofrimentos, solucionar problemas. No caso da experiência da AM, não há como modelar faixas etárias, nem esgotar as possibilidades no que se refere aos significados da prática para cada mulher. No entanto, percebi que essas mulheres não se identificam com as padronizações estéticas, com os arranjos tradicionais de relacionamentos

afetivos e eróticos, nem com as exigências sociais (ditadura dos corpos plastificados; oficialização das relações hegemonia heterossexual; status e prestígio profissionais baseados na meritocracia; demonstrações constantes de satisfação; pró-atividade etc.).

Não quero dizer com isso que a não adaptação às normas e regras sociais seja uma prerrogativa exclusiva do fenômeno da automutilação, no entanto, atravessa todas as narrativas e todos os comportamentos observados neste estudo.

As mídias estimulam patamares de consumo e criam imagens de felicidade inalcançáveis pela grande maioria. Há gerações frustradas, insatisfeitas, que esperam dos seus filhos e das suas filhas a realização dos seus projetos e o suprimento das suas carências. Estes fatores atingem fortemente as jovens que praticam a AM, visto que os seus ideais de felicidade não são objetivos autorais, mas sim prolongamentos das vidas de suas famílias.

> "*sabe, quando você chega num médico, por causa da AM, ou por outro motivo, mas ele ve os cortes? ele te trata como se você fosse louco.. um lixo"* G., 20 anos

> ... "*Corto, faço riscos ou faço desenhos, no meu quarto, ou quando estou chorando, em momentos de tristeza. Não sinto dor nenhuma, porque a dor 'de dentro' é muito maior. Sinto alívio e um tipo de alegria por saber que tenho algum poder sobre mim mesma.*"[25]

Os depoimentos acima discorrem sobre diferentes facetas da experiência automutiladora. No primeiro caso, percebemos o despreparo dos

[25] Depoimento extraído de uma reportagem na Revista da Folha In: http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=09233

agentes de saúde em relação à AM. A maneira como essas moças são atendidas nas emergências, quando acontece um acidente[26], é assustadora. São recebidas como suicidas, e com todo estigma que isto implica, olhadas como “pessoas fracas”, derrotadas.

Esta é uma questão muito séria: o desconhecimento do fenômeno agrava a sensação de fragilidade, na medida em que as jovens depositam nas figuras da área de saúde a esperança de que possam curá-las. Ao mesmo tempo, os médicos, que representam, para elas, a possibilidade de controlar e de disciplinar as práticas da AM, são encarados com desconfiança, pois a palavra deles pode sentenciar prescrições às quais elas não desejam submeter-se.

Quando eram indagadas sobre as suas relações com os agentes de saúde (psiquiatras, psicólogos/as, enfermeiros/ as), respondiam com um misto de medo, respeito e descrença. Geralmente, procuravam médicos da rede pública, pois além de não possuírem o suporte afetivo e material das famílias, os médicos da rede privada conheciam ainda menos sobre a automutilação.

Pude constatar que os agentes de saúde são considerados como figuras de muito poder: poder de vida e de morte. Porém, o estabelecimento de vínculos com os médicos e com as médicas é muito raro, pois há uma rotatividade enorme desses profissionais na rede pública. As redes de saúde são procuradas por aquelas jovens que são portadoras de alguma síndrome, de algum transtorno psíquico (uma parcela razoável)[27], para obterem, principalmente, medicamentos. Quando elas sentem que os remédios não estão surtindo o efeito desejado, procuram outros/as médicos/as. Notei que as palavras desses profissionais mexem com os humores e com as disposições

[26] Há um consenso entre as praticantes da AM e os DCMs acerca da finalidade imediata da AM: não há intenção de suicídio, mas uma tentativa de exterminar a dor emocional por meio da dor física.
[27] Não fiz um levantamento dos casos diagnosticados encontrados nas comunidades, visto que este não era objetivo deste estudo.

das jovens, que, muitas vezes, responsabilizam os/as profissionais de saúde por suas recaídas na AM. Mais uma instância de relações de poder e de disciplinamento.

Destaco a presença de várias psicólogas e algumas médicas participando das comunidades pesquisadas; contudo, a intervenção delas no espaço dos fóruns é tímida, resumindo-se, na maioria das vezes, a descrições de patologias, o que referenda a compreensão da AM apenas sob o prisma biopsíquico. É possível que troquem informações particulares com os outros membros, mas não tenho registro disso. Outro elemento a ser colocado é a existência de tópicos com listagens de serviços de apoio (psicológico, voluntariados, ONGs, hospitais etc.). Além destes elementos, através das minhas buscas no campo virtual, descobri muitos blogs sobre a AM e, alguns deles, escritos por médicos/ médicas, psicanalistas e psicólogos/ psicólogas.

Retomando a questão do disciplinamento, destaco outra possibilidade de interpretação apontada por BUTLER (2003) que é a *performance de gênero,* cujo entendimento perpassa pela visão do sujeito que carrega com ele uma duplicidade (aqui não há relação com a ressonância teatral da palavra ator). Sendo as performances estratégias de sobrevivência em sistemas compulsórios, considero a prática da automutilação como uma forma encontrada por essas mulheres de se oporem às convenções e exigências das redes às quais pertencem. Neste sentido, estabeleço uma reflexão sobre as exigências, explícitas ou não, da sociedade contemporânea: adequação aos padrões estéticos ditados pela mídia, “fazer sucesso”, aparentar ser feliz, caminhar na velocidade das relações fugazes, exibir-se (pelo menos por “quinze minutos”!), ser competente e competitivo, ou seja, parecer ter “dado certo na vida”.

No início deste capítulo, elaborei algumas considerações acerca das maneiras como as crianças são socializadas, nas diversas instituições

disciplinares, enfatizando os marcadores sociais do que é “essencializado” como natureza da mulher. Ou seja, os enxovais das meninas ainda permanecem coloridos com o tom rosa, bonequinhas são compradas, casinhas e miniaturas do mobiliário de uma casa. É correto afirmar que muitas mudanças foram processadas, nos últimos tempos; contudo, ainda são cometidos muitos equívocos na socialização de meninos e de meninas.

Geralmente, as mães e os pais, reforçados pela escola e parentes, criam suas filhas para serem doces, dóceis, “prendadas” e, muitas vezes, assexuadas. Ainda me deparo com famílias preocupadíssimas porque as suas filhas querem treinar futsal, e não balé clássico. O modelo patriarcal não foi de todo suprimido, as continuidades aparecem no cotidiano.

Este adendo serve para apresentar como as mulheres investigadas sentem-se na obrigação de corresponder a uma lógica e a um comportamento preconizados pelas redes sociais às quais pertencem. Como não conseguem seguir a linearidade das cobranças que a vida em sociedade apresenta, experimentam processos de intenso sofrimento, pois são consideradas como inaptas, incompetentes, problemáticas, agressivas, caóticas. É dessa forma que se reconhecem, visto que cresceram e continuam a ouvir esse tipo de nomeação.

Como diz Foucault (1990), em suas hipóteses sobre o poder, não existe relação de poder sem resistências, que são múltiplas e podem ser integradas em estratégias globais. Quando as praticantes da AM falam em autopunição, em transferir as dores emocionais para a epiderme, carregam nessa experiência dramas, habitam uma fronteira entre a ordem e a transgressão, entre a obediência e a desobediência. Os rituais da automutilação simbolizam a dor e o prazer de imprimir no corpo o grito silenciado, o protesto não verbalizado, as rejeições vivenciadas.

As jovens concebem a prática da AM como uma estratégia para desorganizar os modelos que lhes foram impostos. Discordo das definições que consideram a automutilação apenas como um sintoma ou um efeito de transtornos psíquicos, na medida em que as jovens apresentam uma série de conflitos com os aparatos de controle social, com as instituições que as disciplinam e limitam as suas escolhas. Considero que a prática e a experiência da automutilação requerem diálogos transdisciplinares, a fim de que as variadas facetas do fenômeno sejam observadas e apreendidas.

Na área das ciências da saúde já se tem um caminho percorrido, alguns casos estudados. No entanto, a percepção é direcionada para um único aspecto: o patológico. Encontrei, contudo, um estudo que ultrapassa a dimensão puramente clínica sobre a AM. Em 2006, foi apresentado um estudo de caso, em um congresso internacional de psicologia, na Grécia. Nele, a automutilação é definida como o

> " Ato de se ferir deliberadamente a si mesmo. São frequentes os cortes superficiais nos braços (sobretudo nos pulsos) ou queimar os antebraços com pontas de cigarro. Embora rara esta perturbação encontra-se em adultos jovens com perturbações graves da personalidade e/ou toxicodependência (droga ou álcool). São três vezes mais comuns nas mulheres e há geralmente antecedentes de uma educação violenta e descuidada. As razões que estes doentes invocam para o seu comportamento incluem impulsos agressivos incontroláveis, sem objetivo ou dirigido contra terceiros, mas que depois acabam por se virar contra si próprios, alívio de tensão interior e fantasias sado-masoquistas."[28]

[28] "Auto-mutilação: A emergência do sentir (estudo de caso), por Dra. Andrea Moniz. http://www.psicodam.com/Artigos.htm, acessado em agosto/2009.

Na sequencia do artigo, foi traçado um perfil do paciente auto-mutilante com as seguintes características: *sexo feminino, entre os 20 e os 30 anos de idade, independentemente do estado civil – que se automutila desde a adolescência - de classe média ou média-alta, inteligente, escolarizada, com um passado caracterizado por abusos sexuais, maus tratos físicos ou proveniente de uma família onde uma das figuras parentais manifesta elevado consumo de bebidas alcoólicas, com associado transtorno da esfera oro-alimentar, já tentou o suicídio.*[29]

Ainda que desconheça como esta caracterização foi elaborada, qual o tratamento realizado com os dados coletados, qual a amostragem da pesquisa, podem ser percebidos pontos de intersecção com a realidade das comunidades analisadas neste estudo exploratório. Afinam-se alguns elementos, destacando-se a predominância das mulheres como praticantes da AM. Outro elemento importantíssimo é a presença dos históricos de abuso sexual, coincidindo com os relatos das jovens das comunidades do ORKUT.

Tentando desvelar os sentidos da AM para essas jovens, deparei-me com biografias com dramas semelhantes, entrelaçados pela tônica do excesso de controle e de disciplinamento, seja na esfera privada/ doméstica ou nas instituições públicas. Mas, quais os sentidos da experiência da autoviolência?

Resistência “alienante” efetuada através de um ritual, de uma linguagem, de uma prática considerada desviante, daí a associação com os mais variados transtornos psíquicos. É no território do próprio corpo que elaboram as angústias e insatisfações, empoderando-se a partir da liberdade de fazerem o que quiserem nos seus corpos.

[29] Tabulação baseada nas pesquisas feitas por Conterio e Favazza, publicada na Enciclopédia de Medicina Estudos de Conterio e Favazza (1986). No artigo, não há maiores referência quanto à metodologia da pesquisa.

Corpos educados para serem dóceis, portadores dos sinais de êxito social, rebelam-se e manifestam o discurso que não é verbalizado convencionalmente. Faz-se uma ruptura com as estratégias tradicionalmente acionadas para contestar a ordem dominante. As marcas da automutilação são construções subjetivas, que possuem sentidos diferentes de outras modificações corporais. Comparando a AM com as tatuagens, por exemplo, as técnicas e os usos das inscrições possuem intenções bastante diferentes, ainda que contenham mecanismos de identificação para os sujeitos que portam as marcas.

As tatuagens expressam diferentes simbologias, afinidades entre culturas juvenis, carregam mensagens acerca de estilos de vida, são exibidas como adorno. A carga de transgressão já não é uma característica fundamental nas tatuagens. As marcas da automutilação são símbolos de dores emocionais, de conflitos, de protestos, transportam a ambiguidade do velamento e da exibição, contêm mensagens de sofrimentos indizíveis, não há uma preocupação com a estética padronizada. Os locais dos cortes, das queimaduras, do auto-espancamento são repetidamente marcados. Os objetos manipulados não são higienizados, qualquer material que possa provocar cortes e fazer sangrar é instrumento de uso para a prática da AM.

Enfim, há semelhanças entre as diversas formas de modificação corporal, porém os seus usos, manipulações, rituais e sentidos seguem lógicas próprias. Nas diversas formas de modificações corporais percebe-se um comportamento de risco, mas há um cálculo não aleatório, uma ritualização. Não existem modelos específicos de interpretação, mas, no desenvolvimento desta exploração, as vozes dessas jovens assumem o direcionamento dos caminhos percorridos, as pistas foram seguidas, as narrativas respeitadas na sua integralidade.

Os relatos analisados traziam muitas queixas sobre as posturas extremas das famílias, especialmente das mães, patrulhamento excessivo ou negligência e descuido. Entendemos que a educação dos filhos e das filhas não acontece a partir da leitura de manuais, geralmente, os pais e as mães intencionam proporcionar todas as condições e possibilidades para que seus filhos e filhas sejam bem sucedidos. Porém, aquilo que eles consideram sucesso depende de suas experiências, de seus projetos e, muitas vezes, está distante daquilo que seus filhos e filhas desejam.

As escolas organizam as suas propostas baseadas num padrão de estudante, seguindo as orientações legais, ensinando a partir de currículos repletos de apêndices e não conseguem dar conta das singularidades, das necessidades específicas de cada estudante. Lança mão de normas disciplinadoras para conter pessoas que pensam, compreendem, sentem e aprendem de maneiras diferentes. Poucas são as instituições educacionais que se utilizam de um trabalho de conscientização, de sensibilização para o bem estar coletivo. O que se faz, apropriando-me das palavras de Foucault, é "Vigiar e Punir".

As relações estabelecidas por Foucault entre o corpo e as instâncias do poder são construtoras de identidades, reguladas pelas tecnologias e dispositivos de disciplinamento. Sendo assim, a produção do corpo da AM e vivência dos diversos conflitos articulam-se por meio técnicas e resistências ao disciplinamento imposto pelas instituições sociais. Falando em "corpos dóceis" enquadrados e produtivos, Foucault (1997: 28) afirma que a sujeição "*pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror e, no entanto, continua a ser de ordem física*".

Os corpos da AM, ao serem submetidos aos mecanismos de disciplinamento, reagem expressando na própria pele os protestos como uma forma de enfrentar e de transgredir as esferas do poder.

CAPÍTULO 4. CORPOS: DO SOFRIMENTO AO PROTAGONISMO

"A pele é o mais profundo."

Paul Valéry

Continuei tentando acessar pistas no sentido de compreender as esferas que se entremeiam e dotam a experiência da automutilação de sentidos para as suas praticantes. Percebi, nos primeiros contatos, que a dimensão corporal ocupava uma posição radical no desenrolar desses enredos de sofrimentos. Concepções diferentes, muitas vezes contraditórias, diálogos truncados com os seus corpos, singulares e coletivos, espaços de prazeres e de dores.

A discussão sobre corpos tem ocupado tantas áreas e autores contemporâneos, que se torna árdua a tarefa de selecionar os enfoques mais afinados com as perspectivas deste estudo. Não há dúvidas de que vivenciamos uma cultura de realce da corporeidade, de fortes investimentos nos discursos, nas práticas, nas técnicas e nas estratégias de manipulação dos corpos em evidência.

Le Breton (2007) desenvolve um debate inquietante acerca das concepções corporais, nos tempos atuais. Para este autor, as tecnologias, a biologia e o discurso científico de forma geral, vêm produzindo um esvaziamento do corpo, transformando-o em uma espécie de rascunho. Contrapondo-se a estas perspectivas, ele afirma que:

> Como a língua, o corpo é uma medida do mundo, uma rede jogada sobre a multidão de estímulos que assaltam o indivíduo ao longo de sua vida cotidiana e que só retém em suas malhas os que lhe

> parecem mais significativos. A cada instante, o indivíduo interpreta seu meio por intermédio de seu corpo e age sobre ele de acordo com as orientações provenientes de sua educação ou de seus hábitos. A condição humana é corporal. (2007: 190)

De acordo com a perspectiva de Le Breton, o corpo não se resume a um instrumento de expressão, é condição de possibilidade para a nossa existência. O corpo é significante e significado, é texto e leitura, é gesto, é remetente e destinatário de mensagens, fala e narra as nossas biografias.

Neste estudo, a dimensão corporal assume uma posição de centralidade, na medida em que o fenômeno da automutilação manifesta-se no e pelo corpo.

As narrativas das jovens que participaram da investigação referem-se a corpos feridos, que são espaços de escoamento da dor e de prazer, simultaneamente. Cortes, queimaduras, cabelos arrancados, alfinetes engolidos, drogas ingeridas no e pelo corpo são práticas de deslocamento dos sofrimentos emocionais para a materialidade da carne. No entanto, essas práticas, seus rituais e técnicas podem ser fonte de prazer. Para algumas das jovens, o contato e a visão do sangue escorrendo desviam seus pensamentos, anestesiam seus sofrimentos.

A respeito deste aparente controle do corpo, Le Breton (2007:31-32) tece a seguinte consideração: *Nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si. (...) Todo corpo contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que o indivíduo pode revelar tornando-se o arranjador de sua aparência e de seus afetos.* No contexto da AM, há um duplo sentido para aparência, pois, dependendo da audiência, o que é manifesto depende das redes de conflitos e de afinidades.

Em uma conversa com C., uma jovem estudante de 19 anos, ela demonstrou a preocupação com as férias numa casa de praia. Estava angustiada com a perspectiva de usar biquíni, bermuda e camiseta de manga curta, porque as pessoas da sua família descobririam as marcas da automutilação. Entre desfrutar as férias com a família, correndo o risco de desvelamento da prática da AM e ficar sozinha, na cidade, optou pelo isolamento. Durante o período de aulas, usava calças compridas e casacos para esconder os cortes e cicatrizes, nas pernas, nos braços e na barriga, escondendo os sinais da AM. Porém, se tivesse ido à praia, a sua família estranharia o fato de C. não colocar roupas mais leves, nem biquíni. Em nenhum momento, ela cogitou a possibilidade de conversar com a sua família sobre o drama que enfrentava.

Fugindo das figuras de autoridade (avó, mãe e pai) e se distanciando da convivência familiar, inventou desculpas para não expor as histórias textualizadas no seu corpo. Contou-me que se sentia um fracasso por não conseguir parar com os cortes.

C. não tinha dificuldades de relacionamento com a família, apesar de dizer que desde criança achava-se estranha, fato reforçado pela família. Os conflitos tiveram início quando sua mãe e seu pai descobriram que era homossexual. Segundo C., a família fez de tudo para consertar este “defeito”. Proibiram-na de conviver com algumas amigas, vedaram as suas saídas e tentaram convencê-la de que aquele comportamento não era “normal”.

Sexualidade, afetividade e autonomia cerceadas. O que fazer? Conversar com a família não adiantava, nenhuma negociação era possível. A reação de C. foi sair escondida, namorar sem que a sua família soubesse, o que lhe causava angústias, pois não desejava uma vida clandestina. Começou o processo de autopunição com cortes feitos com giletes. Perguntei a ela se a prática da AM minimizava seu sofrimento e se mudava a situação dela.

Respondeu-me que quando se cortava, conseguia viver com menos culpa, pois o ato de provocar dores em seu corpo servia como uma penitência para expiar os remorsos provocados pela esfera oculta da sua vida.

Apresentei um trecho da história de C. a fim de esclarecer alguns nexos entre os conflitos familiares, os mecanismos de controle e disciplinamento com a experiência da AM. A partir do momento em que a filha deixou de obedecer às vontades do pai e da mãe, em que ela quebrou os moldes nos quais foi educada, rompeu com a idealização da família harmoniosa, padronizada.

Foi transferindo para o corpo as rupturas com as instâncias mais diretas de disciplinamento – pai, mãe e família – que C. encontrou uma estratégia para sufocar os conflitos e os sofrimentos. A prática da AM significava um escape para a sua sexualidade censurada, para suas escolhas não aceitas. Ser apontada como a “ovelha negra”, como a “vergonha da família” e não ser reconhecida provocava revolta, registrada no seu corpo e simbolizada nos cortes.

Baseada nas narrativas deste caso, a experiência da AM começava a ganhar contornos: no vai e vem do mostrar-se e do não mostrar-se, as mensagens desta prática apresentavam-se como uma reação, um protesto diante dos limites e das impossibilidades, ou seja, uma resistência ao poder estabelecido e representado pela esfera familiar.

O devir implica numa série de ansiedades e temores, sendo a passagem da adolescência para a vida adulta, o “tornar-se mulher”, um desafio na construção de identidades.

Discutindo a questão da identidade de gênero, Butler (2001: 67) entende que:

> Como em outros dramas sociais rituais, a ação de gênero requer uma repetição, que consiste em voltar a realizar e a experimentar um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, e esta é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação.

A dificuldade das jovens praticantes da AM em ressignificar os modelos de identidade de gênero que lhes foram outorgados pelas gerações anteriores, perpassava as narrativas delas sempre que lhes indagava sobre as suas referências de feminilidades. Ao mesmo tempo, afirmavam que, por serem mulheres, não podiam fazer o que desejavam, pois, qualquer "deslize" era mais censurado do que se fosse cometido por homens.

4.1 CORPOS FERIDOS: A TRANSPOSIÇÃO DAS "DORES DA ALMA" PARA AS "DORES FÍSICAS"

Imagem cedida por K, 20 anos. Cortes recentes feitos em cima de cicatrizes.

Na obra *A Microfísica do Poder*, Foucault analisa o poder ancorado em dois esquemas: contrato-opressão, na ordem jurídica (legítimo-ilegítimo) e o

esquema dominação-repressão, referindo-se às oposições luta e submissão. Foi nesta segunda concepção que formulei reflexões sobre as questões dos aparatos do poder e do disciplinamento e a experiência da automutilação. Reforçando a suposição da prática da AM como uma estratégia de resistência, o autor afirma que

> *Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.* (1976: 101)

À medida que são socializadas para cumprir determinados papéis e a adotar posturas específicas, essas jovens travam um embate entre "quem sou" e "quem eu deveria ser", conflito culturalmente desenvolvido no enfrentamento entre as gerações de pais, mães e filhos, e na formação de identidades. Para as jovens praticantes da AM, esses enfrentamentos são recrudescidos por fatores variados. Durante a pesquisa de campo, identifiquei, através das entrevistas com as jovens, casos de abuso sexual, relações verticalizadas e difíceis com as gerações mais velhas, pais e mães, homossexualidade, uso de drogas ilícitas e de álcool, como elementos que eram considerados desviantes pelas famílias, pela sociedade e, algumas vezes, por elas mesmas.

O depoimento que se segue ilustra tanto um conflito intergeracional, como deixa clara a intencionalidade da jovem em mostrar, através da AM, uma atitude de resistência, que envolve autopunição e punição a outrem.

> *"Minha ultima crise foi que eu comecei a ir na igreja...Mas o meu padrasto começou a falar mau de mim e rir da minha cara..(as vezes*

> *penso que o sonho dele é me ver na lama...pois se faço algo errado não tá bom e quando faço certo tbm não t bom)....Ai fikei com mt raiva e quis matar ele,mais pensei melhor então.. pensei em um corte bem grande algo que sangraçe mt para eu jogar depois na kara dele...pulei a janela do meu quarto peguei um caco de vidro e chorando fiz um corte imenso no meu braço qndo entrei em casa olhei para ele mostrando o corte e o sangue a e perguntei se a sim tava melhor para ele...ele apenas olhou para mim e disse que tenho a mente fraca e atitude de criança oque me deixou com mais ódio dele...E pensei mt em me suicidar + não ia dar esse gostinho p/ ele...."* N., 16 anos.

Em um primeiro momento, pensei na importância que N. conferia ao seu corpo, dado o tom de banalização do corte que ela imprimiu ao depoimento. Posteriormente, constatei o componente do exibicionismo, tanto nos conteúdos da sua narrativa – "*um corte bem grande algo que sangraçe mt (...) fiz um corte imenso"* – como na maneira dela colocar-se na descrição do episódio. Em outro tópico intitulado "*Alguem sente raiva ao ver marcas deixadas no corpo*", outro ângulo da prática da AM demonstrava o desconforto dela com as marcas deixadas pela sua atitude.

> *"me sinto horrivel sempre que vejos s cicatrizes...mas piora qndo alguém me pergunta o por que que eu faço isso...e quando eu respondo não compreendem e começam a zuar com minha cara ou dizer que tenho mente fraca.....Ai sinto mais raiva de mim mesma acabo fazendo de novo....😬"* N, 16 anos.

As praticantes da AM entendem seus corpos segundo as suas vivências, suas identificações com os corpos das mulheres e dos homens com as/ os quais criaram vínculos e serviram de testemunho para a construção dos seus

modelos. No caso das jovens que foram vítimas de abuso sexual, podemos pensar numa abjeção produzida por elas e pelos contextos das suas redes de relações sociais. São corpos que foram violados, violentados, invadidos por outrem. As histórias dessas jovens são marcadas por uma relação negativa com a corporalidade: abdicam do prazer que as sensações corporais podem oferecer, abafam seus corpos e, através das práticas automutilatórias punem o espaço do registro da agressão. A agressão é expurgada com a autoagressão.

Sendo o corpo a instância privilegiada para a expressão da revolta, é também uma das vias pelas quais se tenta disciplinar e controlar os sujeitos, gerando sentimentos de desprezo nas jovens que se automutilam, que localizam nos seus corpos os cenários de protesto. Ou seja, o corpo da AM é um corpo que sofre as ações disciplinares, provocando reações de desprezo e valorização, simbolizadas pela experiência da automutilação.

A leitura sobre a identidade dos corpos de quem pratica a AM é um tanto quanto ambígua, na medida em que ora seus corpos são investidos por um poder, nos momentos em que os manipulam, em que sentem prazer com o sangue e as feridas, em que conferem a condição de tradutor de suas dores; ora são corpos que aprisionam, que são ridicularizados, que sofrem violência.

A fim de obter mais elementos a respeito dos significados dos seus corpos, fiz uma enquete[30] na comunidade ÑAM, porém os resultados fornecem poucos elementos. A utilização deste instrumento apontou-me a necessidade de reformular a forma e o conteúdo das perguntas, a fim de aperfeiçoar a qualidade das informações recolhidas, o que foi realizado na elaboração e aplicação das entrevistas.

Ainda que não tenha trazido dados mais precisos sobre a questão da corporalidade, considero que a tentativa de trabalhar com este recurso do ORKUT – a enquete – promoveu uma aproximação dos membros da

[30] Ver a enquete no Anexo.

comunidade, além de mostrar outras possibilidades metodológicas. Esta enquete foi postada no início da pesquisa, em 05/10/2008, momento de início das minhas leituras e do trabalho de campo.

A enquete, no modelo do ORKUT, constitui-se numa pergunta, uma descrição do tema e algumas alternativas de respostas. Os resultados são transformados em dados estatísticos e, há também espaço para tecer comentários, na parte das respostas. Percebi que este tipo de técnica de coleta de dados não me proporcionaria informações mais detalhadas, mais aprofundadas, o que orientou a escolha pelas entrevistas abertas, guiadas por algumas temáticas.[31]

Compreender os significados dos corpos das jovens que se automutilam colocava-se como um desafio, posto que não houvesse como interpretar uma dimensão multidisciplinar como é a corpórea sob uma ótica parcial. Esta foi uma questão que me fez pensar bastante em como proceder a um recorte sem comprometer a totalidade de um conjunto de signos e símbolos. A perspectiva antropológica encaminhava-me para a interpretação desses sentidos, enfatizando o papel da cultura na construção desses corpos feridos interna e externamente (embora essas fronteiras sejam fluidas e permeáveis). Balizei as investigações numa das reflexões de Butler que faz a seguinte referência ao corpo:

> Constituídos como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. Entregue desde o início ao mundo dos outros, carrega sua marca, é formado dentro do cadinho da vida social; somente mais tarde, e com certa insegurança, posso reclamar meu corpo como meu, se, de fato, eu alguma vez o fizer. (2004: 25)

[31] O roteiro encontra-se no Anexo.

Os corpos das praticantes da AM são produtos e produtores de cultura, sem desconsiderar a materialidade dos mesmos, no entanto, são corpos de mulheres que se esquivam, que se escondem e que se excedem para encontrar sentidos em suas vidas. Sejam estes os sentidos ou não, alguns significados para machucarem seus corpos apareceram da seguinte maneira, em seus relatos: uma autopunição nos corpos abusados sexualmente, uma estratégia de resistir aos dispositivos de disciplinamento e às instituições de poder, uma forma de "chamar a atenção" para seus sofrimentos, ou um mecanismo para pertencer a algum grupo.

Ao descrever as marcas corporais, Le Breton (2007, 34) afirma que as marcas mudam de status dependendo da moda, do esporte, da cultura nascente e múltipla de jovens gerações. Essas mudanças são provocadas pela busca de uma singularidade pessoal. Concordo que esta é uma interpretação possível para outros casos de modificações corporais (tatuagens, piercings, branding etc.), entretanto não dá conta da experiência da automutilação. Os usos do corpo para garantir idiossincrasia não é o motor da prática da AM, que oculta os cortes e as cicatrizes para audiências selecionadas. As marcas da automutilação não são encaradas como elemento de prestígio fora das redes de praticantes, não são fabricadas para criar um diferencial que expresse beleza ou afinidade com uma "tribo urbana". Segue uma imagem que uma das jovens enviou-me por e-mail, a fim de que se possa visualizar um dos tipos de AM: arrancar a pele e produzir uma ferida profunda.

Imagem cedida por G., 22 anos: pé ferido.

Esta não foi a única imagem de cortes e cicatrizes enviadas para mim, durante o trabalho de campo. Interpretei como uma forma de reforçar e comprovar a prática da AM, o que foi feito por todas de maneiras variadas. A necessidade de reconhecimento das suas condições de sofrimento esteve presente em todo o processo de coleta de dados.

Ao refletir sobre esses corpos feridos, procurei ampliar o escopo das leituras e releituras sobre a obra dos autores escolhidos para fundamentar a pesquisa. Encontrei uma entrevista concedida por Butler, que me auxiliou na compreensão acerca de algumas noções importantes para pensar a questão da corporalidade contidas no livro *Bodies that Matter*, (BUTLER apud MEIJER; PRINS, 2002: 158). Uma das concepções acionadas foi a noção de *corpos abjetos*: "*não se restringe a sexo e a heteronormatividade, mas, relaciona-se a todos os tipos de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'."*

Os corpos da automutilação são entendidos, muitas vezes, como sem importância para as praticantes da automutilação, entretanto, a própria prática evidencia a existência desses corpos, empodera esses corpos como agentes e vítimas das violências por eles sofridas e comunicadas. O fato de mutilarem seus corpos não significa que estes não tenham importância ou que sejam esvaziados. Porém, a forma como esses corpos aparecem nos discursos dessas jovens dá margens para estabelecer um paralelo com a noção de abjeção. As contradições que constituem a experiência da AM manifestam-se nas linguagens para falar sobre o corpo e a linguagem veiculada no e pelo corpo.

Outro conceito trabalhado também por Butler (2003), *performance de gênero*, contribuiu para a compreensão dos movimentos de ocultar e mostrar não apenas o corpo, mas até a própria experiência de sujeito da automutilação. A duplicidade deste movimento pode ser entendida como uma estratégia para administrar o trânsito em contextos diferentes, assim como as relações construídas dentro e fora do ambiente virtual. A compulsoriedade dos modelos familiares e sociais é transgredida pela subversão, pela performance engendrada por essas jovens que se automutilam.

De acordo com Butler (2003, 198-199), podemos considerar o gênero como um *estilo corporal*, um “ato” que contém uma intencionalidade como performativo, sendo “performativo” indica uma “construção dramática” e “contingente” do sentido. Transpus esta noção de performativo para a experiência da automutilação, adaptando-a para a esfera da estratégia utilizada para atuar no mundo das regulações e no mundo das afinidades, respectivamente, as instituições e o ambiente virtual.

Os rituais executados na experiência da AM e descritos nas comunidades do ORKUT são parte de um drama construído dentro e fora do ambiente virtual. São realizados nas casas, nas escolas ou em espaços mais

resguardados e revividos/ reinventados através da exposição nas comunidades virtuais. A prática da AM apresenta também um “saber fazer”, ou seja, os usos e técnicas empregados no ato de se autoviolentar exigem um conhecimento específico sobre os materiais a serem manipulados, sobre como impedir os cortes de infeccionarem, sobre a anatomia de seus corpos. Tudo isso confere poder, e implica numa narrativa performática.

Alguns tópicos encontrados nas comunidades observadas estimulam a narração de cenas e de detalhes da experiência da AM. Como é o caso dos tópicos “Número de cicatrizes”, “Qual a profundidade dos seus cortes e ferimentos”, “me ajudem a morrer”, “onde vc tem a maior cicatriz? E onde é?”. A própria formulação das perguntas dá margens para que as respostas sejam postadas num tom performático.

4.2 TERRITÓRIOS DE PROTESTOS: A EXPERIÊNCIA DA AUTOMUTILAÇÃO

As possíveis traduções das mensagens emitidas pelos corpos da AM apresentam ruídos e expressões idiomáticas que dificultam uma comunicação fluida. Existem variáveis que recaem no discurso patologizante acerca dos sujeitos da automutilação, reduzindo todos os elementos a um sintoma, a uma causa psicossomática. As narrativas das jovens entrevistadas estavam impregnadas pelo rótulo de que são doentes, significando para muitas delas a explicação para as suas ações.

Não adentrarei nesta discussão, porém não poderia deixar de sinalizar que o sentido das mutilações em seus corpos é perpassado pela esfera da medicalização, tanto no que se refere às raízes da prática como no consumo

de remédios prescritos para controlar e disciplinar a “doença”. De certa forma, possuir um diagnóstico psiquiátrico legitima e justifica a experiência da AM para as praticantes, para as suas famílias e para a sociedade mais ampla. Lidar com um fenômeno pouco conhecido, pela sociedade em geral, provoca uma sensação de estranhamento e de desamparo, na medida em que não há uma produção científica que o explique transdisciplinarmente, entendendo os sujeitos que praticam a AM em suas dimensões sociais, culturais, políticas e psíquicas.

Abordar a prática da AM como uma invenção cultural, como um fato social, não foi uma tarefa fácil, visto que os olhares lançados para as suas praticantes são direcionados, geralmente, pela área de saúde mental, pelos parâmetros da “anormalidade”. Nas entrevistas, inclusive, foi necessário insistir em determinadas questões socioculturais, a fim de que as falas não se concentrassem na atuação dos profissionais de saúde e nos remédios utilizados para combater o “desequilíbrio”, pois as informações que elas possuem sobre a prática da AM, em grande parte, são provenientes dos contatos com a literatura sobre saúde e com os profissionais desta área.

Escolhi um trecho de um depoimento já exposto para ilustrar como algumas jovens compreendem a prática da AM.

> *E percebi também que muitas meninas que postam aqui, não consideram AM uma doença. Hoje, em um dos tópicos eu li uma frase: AM não é doença. porque quando vcs falam doença parece algo contagioso como a Aids.*
> *Eu me senti muito mal com isso. Afinal, eu entrei nessa comu, e mostrei o meu rosto, mostrei o que eu sentia porque aqui... eu achava que não tinha o chamado: "preconceito!"*
> *Aids, gripe, AM... todas são doenças, de forma diferente mas todas são doenças!* K., 17 anos

Constatei a necessidade que as praticantes da AM tinham em fugir de rótulos, mas, concomitantemente, desejavam uma nomeação, uma definição que proporcionasse cobertura e que respaldasse as suas experiências. Há uma diferenciação entre aquelas diagnosticadas, cujas famílias sabem sobre a prática da AM, e aquelas que não procuraram um profissional capacitado para diagnosticar os seus comportamentos, independente das famílias terem conhecimento ou não das suas práticas.

As diferenças podiam ser identificadas na desenvoltura das jovens diagnosticadas para explicarem as suas experiências como praticantes da AM, as orientações fornecidas àquelas sem diagnósticos psiquiátricos. É interessante registrar que as angústias e os sofrimentos, os problemas com a autoestima eram semelhantes, independente de diagnósticos e medicamentos.

Penso que as entrevistas contribuíram para que essas mulheres redimensionassem as suas percepções sobre a AM, visto que as estimulavam a ampliar as noções que tinham a respeito de si mesmas e das relações estabelecidas nos ambientes em que circulavam.

Quando solicitava que as jovens descrevessem seus sentimentos em relação à aparência e aos seus corpos, as queixas sobre a inadequação aos padrões de beleza eram recorrentes. Falavam da insatisfação com o corpo, com as cicatrizes, diziam-se muito feias e sem graça. Arrematavam a descrição negando a importância dos seus corpos, ainda que tivessem discorrido, durante toda a entrevista, sobre a baixa autoestima.

O cuidado de si concentrava-se numa meta coletiva: pararem com o “vício” da automutilação. A expressão vício era facilmente utilizada na referência à AM, pois as recaídas faziam parte do cotidiano dessas jovens. Encontrei um tópico presente em todas as comunidades visitadas no ORKUT:

“Como anda a sua contagem?” ou “Há quanto tempo não se corta?”. Nestes tópicos a abstinência da AM é estimulada e comemorada, contudo, as recaídas não são censuradas, nem criticadas, são acolhidas como parte do processo para deixarem de se automutilar.

Existem também vários tópicos de aconselhamento, nos quais a importância da equação REMÉDIOS+TERAPIA = CURA é ressaltada. As jovens trocam informações sobre como cuidar dos cortes, recomendam formas de estancar o sangue e, reafirmam, sistematicamente, a necessidade de um diagnóstico, seja para descartar a possibilidade de uma doença mental ou para tratar da patologia, caso seja identificada.

Na perspectiva de Le Breton (2006:53), ainda que a dor seja um dado biológico, as formas como os sujeitos expressam e enfrentam a dor estão assentadas na sua história e no seu pertencimento social.

As jovens que já foram diagnosticadas explicam a prática da automutilação como uma doença ou como um vício, comparando-a, muitas vezes ao alcoolismo. As suas falas reproduzem alguns passos adotados pelos alcoólicos anônimos, utilizando lemas como “não faça o primeiro corte” e “um dia de cada vez”.

Uma das jovens que entrevistei (L., 19 anos) referia-se à AM como um vício do qual nunca estaria livre. Ela recebeu apoio da mãe para “largar” o “vício” da automutilação, durante dois anos, porém, enquanto ela era medicada e freqüentava a terapia, a sua mãe aderiu ao “vício”. Segundo L., a automutilação vicia porque o cérebro produz endorfina, enquanto a pessoa se corta, proporcionando uma sensação de conforto e alívio. Ela concluiu que tanto ela como a mãe tornaram-se dependentes da AM devido ao stress, que as deixava muito ansiosas.

A associação da prática dos cortes com a sensação de alívio encontra-se também em alguns depoimentos, nos quais a dor do corte é relacionada com o alívio temporário das angústias.

Numa outra perspectiva, Csordas (2008) aborda o corpo fenomenologicamente como meio de experimentação de vida e de tornar-se humano. Discutindo o paradigma da corporeidade, o autor afirma que a agenda teórica precisa elaborar a noção de corporeidade (embodiment) como uma base para compreender a natureza humana na cultura. Segue dizendo que:

> Ela (a agenda teórica) emergiu em um momento da teoria antropológica em que a "experiência" estava sob a suspeição de ser indefinível ou inacessível. Ao resistir a essa tendência, vim a compreender a experiência como significância do significado, imediata tanto no sentido de sua concretude, sua abertura subjuntiva, sua desobstrução da realidade sensorial, emocional e intersubjetiva do momento presente como também no sentido de ser a rica ascensão não-mediada, impremeditada, espontânea ou não-ensaiada da existência primeira. Consequentemente, o desafio antropológico não é o de capturar a experiência, mas o de dar acesso à experiência como a significância do significado.
>
> (2008:16)

A experiência da automutilação é um fenômeno que confere uma posição de destaque ao corpo, o portador de inscrições que comunicam emoções e sentimentos, cuja expressão é mediada pelo corpo automutilado.

Os sentidos produzidos por essas jovens, ao praticarem a automutilação, podem ser até interpretados como sintomas de uma patologia,

no entanto, a influência da cultura é indiscutível. As práticas e os usos do corpo são engendrados na relação com o outro, e é justamente essa relação que mobiliza o ato da automutilação.

O corpo da automutilação, na posição de protagonista, é revestido de muitas significâncias, conforme as considerações de Csordas (2008). As jovens que experimentam a violência autodirigida, elaboram sentidos diversos para as suas práticas, que podem ser identificados como estratégias de resistência e protestos contra a ordem das instituições que as enquadram socialmente. Os sofrimentos materializados em seus corpos não são delírios, são respostas desafiando as instâncias disciplinadoras, significam a dificuldade em manejar os conflitos com a intersubjetividade e com a própria assunção de ser-no-mundo-com-o-outro.

A noção de que o corpo é delas e, por isto, podem dispor dele como quiserem aparece realçada, tanto no discurso quanto na prática da AM. Esta percepção de autonomia em relação aos usos do corpo confronta as instituições que regulam e disciplinam as suas vidas. Os conflitos surgiam a toda hora, fosse com a família, com a escola ou com as normatizações da sociedade.

Em suas considerações sobre o poder, Foucault formula este para além da máquina do Estado, buscando no micro a forma como o poder realiza-se e se estabelece. Segundo ele, "*o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar*" (Foucault 2001: 89). No caso do poder disciplinar, o poder não se mostra centralizado numa figura única, mas sim pulverizado nas periferias, encontra-se em todas as espacialidades, encarnando-se nos corpos dos sujeitos a ele submetidos, mediante os dispositivos de disciplina.

Aliado à categoria analítica de poder disciplinar, Foucault introduz a noção de *biopoder*, que "*não suprime a técnica disciplinar simplesmente*

porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes" (Foucault 1999: 289). Estas formas de poder articulam-se e atuam concomitantemente, utilizando-se dos mecanismos disciplinadores e regulamentadores, perpassando não apenas os corpos e processos individuais, como também a coletividade.

Neste sentido, a prática da automutilação ultrapassa a dimensão da repressão individualizada, podendo ser compreendida também como um instrumento de resistência aos princípios reguladores da coletividade.

Na intenção de suspenderem as emoções e as dores fabricadas pelos conflitos engendrados a partir da recusa em aceitar os modelos impostos e os disciplinamentos operacionalizados pelas instituições sociais, essas jovens demarcam o território do corpo como uma frente de batalhas. Batalhas contra a insatisfação consigo e com a rede de vínculos que reprime as suas escolhas; lutas travadas contra a sensação de não-pertencimento, contra a baixa autoestima e contra as rejeições vivenciadas por elas.

As cicatrizes da automutilação contam as histórias dos sofrimentos dessas jovens que desejam uma existência mais autêntica, mas que não dotaram as suas vozes de poder de reivindicação. Os corpos feridos simbolizam não apenas os sofrimentos experimentados, mas também os protestos contra as circunstâncias em que as suas dores e angústias foram construídas. Como disse uma praticante da AM, em depoimento na comunidade "Auto Mutilação"[32], "*no caso da auto mutilação, a pessoa precisa agredir (...) a agressão está descontrolada, ou precisa ser 'real' não simplesmente 'simbolizada'.* " (V., 22 anos)

Em cada corte desferido contra seus corpos há um grito, seja para chamar a atenção das relações fortemente hierarquizada com a família, com a

[32] Esta comunidade não teve uma participação direta no processo de coleta das informações.

escola, seja para reclamar um olhar menos negligente para as incertezas que constituem o vir-a-ser mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quando achar que nada mais vale a pena a não ser "sangrar" por fora,
lembre-se de que esse sangue que desce é aquele mesmo sangue que
provavelmente esteja na veia da pessoa que você ama.
Cortes?
Sejam um passado.
E que tudo seja um eterno recomeçar...”

Tatiana Monteiro

O caminho percorrido foi atropelado, sinuoso e inacabado. O tema estudado, o campo analisado e o impacto provocado imprimiram uma sensação de que alguns passos foram dados. Atribuo este sentimento de incompletude à minha permanência no universo pesquisado, aos vínculos estabelecidos e à intensidade das experiências compartilhadas com as jovens, que me confiaram o mais profundo dos seus sofrimentos.

O contato com a dor, com as práticas e os ferimentos da automutilação afetou-me de tal maneira que estabelecer as fronteiras entre uma postura assistencialista e uma postura investigativa tornou-se um desafio diário. Este embate permeia todo o processo de escrita, pois as impressões fomentadas pelo campo entranharam-se em todas as dimensões desta pesquisa.

Ainda há muito que desvelar sobre a experiência da AM, o que dificultou a escolha dos eixos analíticos que orientaram a sistematização dos dados. À medida que avançava nas interpretações, percebia que a riqueza das informações não era contemplada, sentia que algo escapava. O campo era tão

dinâmico que tentar apreendê-lo parecia uma tarefa impossível. Demorei bastante para transformar as notas do caderno de campo em uma análise sobre o fenômeno estudado, possivelmente por não querer precipitar-me na interpretação de dados tão complexos.

A compreensão dos sentidos conferidos pelas jovens à automutilação, mediante os eixos dos conflitos, do disciplinamento e do corpo viabilizou algumas possibilidades interpretativas. Os significados que se manifestaram nas narrativas das jovens, no entanto, não se esgotaram nesta abordagem. Os registros sobre os conflitos com a família e com as instituições disciplinadoras remetem para a dimensão social da AM, assim como as estratégias de protesto e de resistência a estas instituições, veiculadas em seus corpos. Porém, não é possível desconsiderar que o fenômeno contém elementos de ordem psíquica que ultrapassam as pretensões deste estudo.

As mensagens comunicadas pelos corpos da automutilação expressam não apenas as marcas dos “sofrimentos da alma”, mas também a construção de identidades que se sentem inquietas e reprimidas pelas instâncias de poder, que se percebem negativamente diferentes (“esquisitas”, “anormais”, “ovelhas negras”, “estranhas”). Através da violência contra seus corpos, menosprezados e empoderados, na experiência da AM, tentam dialogar numa linguagem de difícil acesso – ocultada para a audiência “de fora”; compreendida e facilitada – desvelada para um público “iniciado” ou sensibilizado com o fenômeno. A comunicação ruidosa com o mundo circundante contribui para o uso de outra forma de inteligibilidade, cuja explicação ainda carece de olhares mais demorados.

Enquanto desenvolvia o trabalho de campo surgiram episódios que evidenciaram a prática da automutilação para a sociedade. O caso da pernambucana que acusou um grupo de skinheads de um suposto ataque contra ela, na Suíça, ganhou manchetes na mídia do mundo inteiro, em

fevereiro de 2009. Paula Oliveira, uma jovem de 28 anos, havia declarado que estava grávida de gêmeos. A polícia suíça investigou o caso, concluindo que a moça não estava grávida e que os ferimentos foram produzidos por ela, configurando a prática da automutilação. Este fato mobilizou as atenções da sociedade, dando visibilidade à AM.

Reprodução/TV Globo. Imagem extraída da Folha Online:
http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u503546.shtml

A veiculação da imagem dos cortes de Paula sinalizando a automutilação fez com que especialistas da área de saúde dessem depoimentos, explicando tanto a automutilação como uma possível gravidez psicológica. O caso de Paula não foi comentado nas comunidades pesquisadas, mas as pessoas, de uma maneira geral, começaram a especular sobre o fenômeno.

Em março de 2009, a revista *Marie Claire* (2009, nº 216, pp. 70-74) apresentou uma matéria sobre a AM, intitulada "Cortes que aliviam a dor da alma". O conteúdo da reportagem baseava-se no diário de uma artista plástica de 25 anos e no depoimento dela para a jornalista Maria Laura Neves, descrevendo a experiência da AM. A revista preocupou-se em mostrar dados estatísticos sobre a AM, produzidos nos Estados Unidos, comparando com a falta de dados no Brasil, citando o AMITI[33] (Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso, ligado ao Hospital das Clínicas da USP, como único centro de terapia que atende praticantes da AM.

Esta matéria foi um reflexo da repercussão do caso de Paula, na onda do sensacionalismo que provocada pela história, porém, trouxe ganhos para as praticantes da AM, trazendo informações que muitas desconhecem: "*Este mês de março a Marie Claire está com uma matéria sobre o assunto. Foi assim que fiquei sabendo que existiam comunidades no orkut. Na verdade foi uma surpresa pra mim saber que outras pessoas faziam a mesma coisa.*" M., 29 anos

A circulação da experiência da AM na mídia atenuou, de certa forma, o sentimento de não-pertencimento comum às praticantes da automutilação. O fenômeno tem crescido nos chamados países desenvolvidos, mobilizando os governos, que lançaram campanhas alertando para a prática da AM. Além dos governos, há serviços de saúde da rede privada direcionados para o tratamento da automutilação, chamada de *"self harm"*, "*self injury*" ou "*cutting*" na Inglaterra e nos Estados Unidos. A imagem[34] que se segue é de uma clínica especializada em AM, na Inglaterra.

[33] Enviei um e-mail para o AMITI discorrendo sobre esta pesquisa, a fim de estabelecer contato, mas não obtive resposta. Infelizmente, não pude conhecer este espaço.

[34] A imagem despertou a minha curiosidade tanto no que se refere à escolha de um rapaz para figurar na campanha, quanto em relação aos dados de que em cada sala de aula do Ensino Médio (correspondente ao High School), na Inglaterra, existirão dois jovens praticando a automutilação.

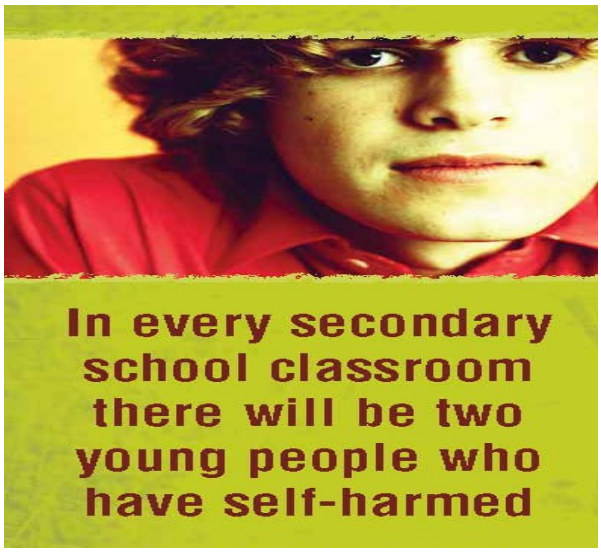


Imagem extraída do site: http://www.erypct.nhs.uk/templates/PageBodyOnly.aspx?id=3144

Entrei em contato com essas informações, quando já tinha saído, oficialmente, do campo de pesquisa. Digo “oficialmente” porque continuei participando das comunidades e procurando informações, visto que pretendo dar sequência ao estudo do tema, além de preservar o compromisso e os vínculos estabelecidos com os/ as praticantes da AM. É interessante registrar que vários rapazes vieram falar comigo, via ORKUT, com a intenção de participar da pesquisa, o que corresponde ao aumento do ingresso de homens nas comunidades sobre a AM, nos últimos meses. Como meu foco direcionava-se às jovens mulheres, neste estudo, não incluí os rapazes. Porém, conversei bastante com alguns deles, o que abriu novas perspectivas de investigação.

O processo de escrita tornou-se angustiante, a escolha de cada palavra exigiu um esforço cuidadoso para não desvirtuar os conteúdos coletados no campo. O peso da responsabilidade em traduzir as narrativas oralmente silenciadas e corporalmente expressas foi motivo de muitas reflexões. No entanto, o maior obstáculo enfrentado foi o meu envolvimento com os sujeitos da pesquisa. Trabalhei muito no sentido de estabelecer um distanciamento que

não comprometesse tanto o processo quanto os resultados deste estudo, para isto refiz vários caminhos, reiniciei até conseguir transitar no campo como pesquisadora.

A experiência da automutilação simboliza os sofrimentos de quem a pratica, este é um fato. Porém, qual a intenção de expressar as suas dores, mediante uma prática que adiciona aos sofrimentos emocionais as dores físicas? Os cortes, as queimaduras, a ingestão de substâncias tóxicas não são feitos simplesmente para “chamar a atenção”, ainda que represente um “grito” de socorro. Os conflitos com a família, com os pares, com as diversas redes de socialização mobilizam um mecanismo de confronto, acionado através do corpo.

Le Breton, ao refletir sobre a corporalidade nas sociedades ocidentais, desenvolve uma consideração que contribui para a compreensão da ênfase dada ao corpo, na contemporaneidade:

> Aquele que pretende a humanidade de sua condição, sem oferecer suas aparências comuns em virtude de suas mutilações, suas deformidades, suas ações imprevisíveis ou sua dificuldade de comunicação, é fadado à suspeita – a ele está prometida uma existência que se desenvolve no palco, diante do ardor dos olhares sem indulgência dos transeuntes ou das testemunhas da dessemelhança. (2007:86)

Os depoimentos dessas jovens sobre a percepção que tinham acerca de suas imagens mostraram os sentimentos de rejeição e de exclusão que vivenciam em suas relações. Consideram-se oprimidas pelos padrões estéticos, sexuais e comportamentais aos quais deveriam adequar-se, ao longo do processo de socialização. Depreciam seus corpos, entretanto, é através deles que confrontam esses padrões e que resistem ao disciplinamento de

suas vidas. Reforçam a sensação de não-pertencimento ao utilizarem uma linguagem hermética e inacessível para a sociedade de uma maneira geral. O “palco” que utilizam comporta uma audiência reduzida, que não vigie, nem regule as suas escolhas.

A suspeita em relação à “normalidade” desses sujeitos condiciona a compreensão à dimensão psíquica, instrumentalizando uma experiência que escapa aos modelos de inteligibilidade aparentemente comuns. Neste sentido, além de uma verticalização deste estudo exploratório, enfatizo a necessidade de intercâmbio entre os campos de conhecimento, a fim de apreendermos a complexidade do fenômeno da automutilação.

Há uma área de estudos conhecida como *Etnopsiquiatria* (GEORGES DEVEREUX, 1972; NATHAN, 1994, MORO, 2004) propondo uma visão mais integral do sujeito, tanto no estado de “normalidade”, quanto no patológico. Procura-se levar em conta as dimensões culturais e psíquicas das pessoas, amparando-se sobre os “universos existenciais” e “humanistas” como a necessidade de sentido, de continuidade de si mesmo e de coerência, “*assim como sobre as diversas dimensões da identidade* (BORGES; POCREAU, 2009).

Penso que um diálogo com a etnopsiquiatria é um possível caminho para ampliarmos a discussão e a pesquisa sobre a automutilação, que não pode ser definida sob uma ótica reducionista, devido aos múltiplos aspectos que a constituem. A concepção de que a prática da AM é um comportamento de risco, violência autodirigida, sem intenções explícitas de suicídio não abarca este fenômeno constituído na cultura e os seus desdobramentos psíquicos. A Automutilação demanda olhares mais alongados, carece ainda de maiores investigações teóricas e metodológicas, que extrapolam as condições de possibilidade deste estudo exploratório.

A interpretação do fenômeno não se esgota no fechamento desta dissertação, os dados analisados apontam para uma perspectiva de diálogo com outras áreas de conhecimento, que possam articular as várias facetas da experiência da AM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. et EUGÊNIO, Fernanda (orgs.) *Culturas Jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BEAUVOIR, Simone. (1949). *O Segundo sexo.* São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BORGES, Lucienne. M. ; POCREAU, Jean-Bernard. Reconhecer a diferença: *o desafio da etnopsiquiatria*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 232-245, abr. 2009.

BOURDIEU, P. *Razões práticas sobre a teoria da ação.* Campinas: Papirus, 1996.

BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex".* New York: Routledge, 1993

_____. *Corpos que pensam*: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. (org) *O corpo educado*: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 153-172.

_____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Undoing Gender*. New York and London: Routledge, 2004.

CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARDOSO, Marta Rezende (org.). *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas:* mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASSORIA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos)

CID-10 – Critérios diagnósticos para pesquisa/ Organização Mundial de Saúde, tradução de Maria Lúcia Domingues, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfic*a: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *Writing Culture*: the poetics and politics of etnography. Berkley: University of California Press, 1986.

CORBIN, A., COURTINE, J. & VIGARELLO, G. (eds.). *História do corpo.* V. III: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/ Significado/ Cura.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo.* 1997 http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.

DEVEREUX, G. *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris: Flammarion, 1972.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. *Body Modification.* London:Body & Society, vol.5 (2-3), 2000.

FERNANDES, Magda. "*Alguém a fim de TC comigo*?" A construção do social da sexualidade virtual. Tese de doutorado, defendida em março de 2003/ UFPE.

FERNANDES, Maria Helena. *Corpo.* SÃO PAULO: Casa do Psicólogo, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Tecnologías del yo.* Barcelona: Paidós, 1990, pp. 45-94.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: NAU, 1996.

_____. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999..

_____. "Nietzsche, a Genealogia, a História". In: FOUCAULT, M.: *Ditos e Escritos* – Vol.II. RJ: Forense Universitária, 2000.

_____. *História da sexualidade,Volume1:AVontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Cultura*s. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma:* notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GIUMBELLI, Emerson. *Para além do "trabalho de campo"*: reflexões supostamente malinowskianas. Rev. bras. Ci. Soc.. São Paulo, v. 17, n. 48, 2002. Disponívelem:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-690 92002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Set 2008. doi: 10.1590/S0102- 69092002000100007

GREGORI, Maria Filomena In: *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência*. (Orgs.) Miriam Grossi, Luzinete Minella e Rozeli Porto. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

HALL, C. S. & LINDZEY, G. *Theories of personality*. New York: John Wiley & Sons, 1957.

LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *Adeus ao Corpo*: Antropologia e Sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYMAN S. M.; VIDICH, A. J. Métodos cualitativos: sua história na sociología e na Antropología. In: DENZIN, N. ; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa cualitativa: teorias e abordagens.* Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

MC LAREN, P. *A pedagogia da utopia*. Conferências na UNISC. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa.

Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. pp. 21-38.

MANTEGA, Guido. *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. E XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MAUSS, Marcel. *Marcel Mauss:* antropologia/ organizador [da coletânea] Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática, 1979.

_____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTARDO, Sandra Portella. e PASSERINO, Liliana Maria. *Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações.* V. 4 Nº 2, Dezembro, 2006. Novas Tecnologias CINTED-UFRGS na Educação.

MORO, M.-R; De La Noe & Mouchenik, Y. Q. *Manuel de psychiatrie transculturelle. Travail clinique, travail social*. Grenoble: La Pensée Sauvage, 2004.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina*.* In CORBIN, A., COURTINE, J. & VIGARELLO, G. (eds.). *História do corpo.* V. III: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento*: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2007, 10ª ed.

NATHAN, T. *L'influence qui guérit*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1994.

PAIVA, A. C. *Sujeito e laço social:* a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*. RJ: Relume-Dumará, 1999.

RECUERO, R. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*, 2003. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel.

_____. *Redes Sociais no Ciberespaço:* Uma proposta de Estudo. Trabalho apresentado ao NP-08 – Núcleo de Estudo de Tecnologias Informacionais da Comunicação do XXVIII INTERCOM, na ECO- UERJ, Rio de Janeiro, em setembro de 2005.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo.* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. *Como os corpos se tornam matéria*: entrevista com Judith Butler. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n.1, Jan. 2002. pp. 155-167 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2010. doi: 10.1590/S0104-026X2002000100009

SAFFIOTI, Heleieth. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero* CADERNOS PAGU (16) 2001: pp.115-136.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”. In: O PERCEVEJO n°12. Revista de Teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro na UNIRIO, 2003.

SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita. Crítica de uma Nova Utopia*. São Paulo:

Loyola,1996.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia* (I, até a p. 95). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia* (II, da p.95 até184). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMMEL, Geog. A metrópole e a vida mental In: *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SANTOS, Boaventura de S. *Um Discurso sobre as Ciênc*ias. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual:* estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. 1975. “Symbolic Studies”. In B. Siegel (org.) *Annual Review of Anthropology.* 4: 145-161.

TURNER, Victor W. *Floresta de símbolos* – aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

YARYURA-TOBIAS, José. , MANCEBO, Maria. and NEZIROGLU, Fugen. *Clinical and theorical issues in self-injurious behavior*. Revista Brasileira de Psiquiatria. vol. 21 nº 3, São Paulo, setembro de 1999.

GLOSSÁRIO

1. Modificação Corporal (Body Modification): conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – desde o uso de produtos químicos até a execução de intervenções cirúrgicas. Alguns tipos de modificação corporal:

    - Branding – desenho ou sinal inscrito sobre a pele com um ferro em brasa ou laser.
    - Tatuagem – sinal visível inscrito na própria pele graças à injeção de uma matéria colorida na derme e é “definitiva” (já existem técnicas para remoção da mesma).
    - Piercing – furo no corpo, através da introdução de peças de metal esterilizado.
    - Suspensão Corporal - é o ato de suspender um corpo humano através de ganchos passados através de perfurações na pele. Estas perfurações são temporárias e são abertas pouco antes da suspensão ocorrer.

2. MSN/ Windows Live Messanger: O MSN é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. Windows Live Messenger é a nova geração do MSN Messenger, parte dos novos serviços online da Microsoft chamados de Windows Live. O novo programa introduz novos recursos além de incluir os já existentes no MSN Messenger.

ANEXO

1. ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS GERAIS

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Local de residência:
5. Escolaridade:
6. Profissão:
7. Emprego (função):
8. Mora com alguém?
9. A que camada social pertence?

TEMAS ABORDADOS

- Definição de AM.
- Por que se considera praticante da AM?
- Como, quando e por que começou a praticar a AM?
- Quem sabe sobre a AM?
- Procurou ajuda de alguém?
- Procurou a ajuda de profissionais de saúde?
- Diagnóstico/ Tratamentos/ Medicações/ Internações.
- Família (composição, faixa etária dos membros, conteúdo das relações, afetividade, conflitos, disciplina, regras, perdas, valores, profissões, lazer).

- Amizades (descrição das relações de amizade fora e dentro do ambiente virtual).
- Relacionamentos (orientação sexual, estado civil, descrição da situação afetiva, afinidades e desencontros).
- Relacionamentos profissionais (descrição).
- Educação formal (trajetória na educação básica/ no ensino superior).
- O que pensa sobre a sociedade?
- Lazer.
- Projetos pessoais e/ou profissionais.
- O que você acha da sua vida?
- O que gosta em você?
- O que não gosta?
- O que acha do seu corpo?
- Como você acha que os outros definem você (família, amigos/ amigas, sociedade)?
- Em sua opinião, as pessoas devem seguir as regras e os padrões sociais?
- Pessoas/ Situações/ Bens materiais associadas ao prazer/ sofrimento.
- Costuma conversar com as pessoas?
- Como soube das comunidades do ORKUT sobre AM? Como e quando tornou-se membro das comunidades?
- O que acha das comunidades?
- Quais as diferenças entre os seus relacionamentos nas comunidades e fora delas?
- O que há em comum entre você e os membros das comunidades?
- Já teve algum problema de relacionamento nas comunidades?
- O que significa a experiência da AM para você?
- O que sente a respeito das cicatrizes?
- Você acha que as pessoas praticam a AM para chamar a atenção?
- Você é alvo de preconceitos?
- É possível parar de se automutilar?
- Fale sobre o assunto que achar importante para a pesquisa.

2. CARTA AOS PAIS

Carta aos pais

Início > Comunidades > Não À Auto-Mutilação > Fórum: > Mensagens

H.

Carta aos pais

Gente, há muito tempo atrás eu entrei em um grupo de apoia a automutilação na internet. Havia deixado de participar, porque me sentia bem e não queria voltar a ler todos aquele depoimentos, pois eles me deixavam angustiada.
Hoje voltei ao grupo, para poder novamente compartilhar o que estou sentindo.
Graças a Deus nem todas as pessoas são covardes como eu, e muitas, mesmo estando bem, estão sempre dispostas a ajudar...
Então, vou postar aki o link do grupo, para quem quiser participar e também uma carta aos pais que eu sempre achei muito interessante.

http://groups.msn.com/GrupoApoioAutoAgressao/compreensoeamor.msnw

É preciso amor e compreensão...

Se estão aqui de certo estão confusos e angustiados. Eu posso muito bem compreender isso, não sei como reagiria na vossa posição. Não posso ajudá-los a curto prazo, mas posso de alguma forma tentar ajudar os vossos filhos, e penso que como pais não há outra coisa que desejem mais.

Por isso resolvi fazer esta pagina, para que tentem compreender. Eu sei que provavelmente neste momento poderão até achar-me uma má influencia assim como este grupo, podem pensar que nos detestam, que somos todos loucos, que estamos a desviar os vossos filhos. Na vossa posição, eu provavelmente teria a mesma atitude. Não a julgo. Deem-me no entanto um pouco de tempo e de compreensão.

Tenho vinte e seis anos e os mais pais tudo fizeram por mim, creio que me amam, como vocês amam os vossos filhos. Corto-me e queimo-me à quatro anos, mas a auto-agressão, a minha auto-degradação mental começou muito antes. Tão atrás que eu não recordo o inicio.

Não culpo os meus pais por uma dor que é minha. Mas a verdade é que nunca fui uma

criança igual às outras, e em mais de que um momento eles tiveram a oportunidade de perceber que eu não era. Nunca pedi ajuda, pelo simples facto de que não os queria preocupar e também porque temia que não me amassem se descobrissem em mim um problema.

É dificil a quem não atravessa o deserto perceber o frio que faz na noite dele. Mas pode imaginá-lo...

Eu não sei de onde vem a dor que me une aos vossos filhos, mas sei bem a solidão e o desespero que sentem, por mais amados que sejam. Sei a forma que tem o lugar escuro e estéril para onde a alma deles, por vezes, vai. É um sitio onde não há nada de bom, e nos momentos que dura, parece não ter principio nem fim, um sitio onde nada existe a não ser dor, onde não há a recordação de unico momento feliz, nada, dor, solidão, desespero, raiva, odio... E os vossos filhos precisam de sair dele, porque ninguem sobrevive mto tempo nesse lugar, e a forma, a arma que têm de combater esse sofrimentos é sendo agressivos consigo proprios.

É a forma que têm para resistir ao suicidio, porque no meio de todo esse sofrimento essa é a tentação maior. É para sobreviver que o fazemos, por mais irracional que vos pareça.

Aceitarem que a auto-destruição dos vossos filhos é algo que lhes permite viver, é de uma ajuda tremenda para eles. De certo em algum momento das vossas vidas já deram um murro na mesa, e assim libertaram o vosso stress. Nós nem sempre conseguimos desse modo, e esse modo é também uma forma de auto-agressão.

Pelos vossos filhos, não nos julguem. Leiam com atenção o aqui está, as mensagens que aqui deixamos, a forma como gritamos ou tentamos gritar o que nos pesa tanto no peito. Não incentivamos a auto-agressão ou a auto-mutilação, mas tentamos que não carreguem o peso da culpa por fazerem o que no momento os pode ajudar. Somos obviamente pessoas com dificuldade de expressão, com um grande medo de pedir auxilio, aqui esse medo vai-se diluindo, sentimos compreensão e empatia, conhecemos o que vai dentro de cada um, sem serem precisas grandes palavras. Tentamos fazer humor (que de certo vos parecerá negro) mas não imaginam como nos é necessário rir, porque no fundo não somos suicidas, nem nada do genero, apenas queremos paz. Calar todos os demonios que nos habitam.

Se descobriram que o/a vosso/a filho/a pratica algo do género, não os julguem, não os tranquem em casa, não os isolem das formas que eles têm de combater o stress, e os medos. Eles precisam muito do vosso apoio, da vossa compreensão e de saberem-se amados. Porque no fundo são inseguros, não acreditam neles proprios, não se amam o suficiente e tendo está visão de nós proprios é dificil crer que os outros nos amem.

Procurem informar-se, há aqui alguns links. E procurem ajuda profissional, bons psicologos, de preferencia com bastante experiencia, bons psiquiatras, e até mesmo neurologistas. Esta é a melhor ajuda.

Não fechar os olhos, não proibir, não os fazerem sentir-se anormais, ou insanos, não o são, são seres que numa fase da vida passam por um processo de sobrevivencia, sem desistirem, porque no fundo querem mto viver.
Os meus pais nada sabem, ou pelo menos assim parece crermos todos, como se fosse possivel tanto acidente e distracção. O sofrimento dos vossos filhos precisa e deve ser visto, encarado de frente com coragem e uma racionalidade que eles nem sempre podem ter. Muitas vezes, julgo, basta isso, dar-lhes uma dimensão maior, um espaço mais seguro e confiante onde possam viver.
Neles vejo muitas vezes reflectido meu passado, não quero de forma alguma que um dia venham a reflectir o meu presente.
Por favor, ajudem-os, amem-os mas façam acima de tudo com que sintam os seres fantasticos que são.

Texto copiado da comunidade Não À Automutilação.

3. ENQUETE

Não À Automutilação

Início > Comunidades > Saúde, Bem-estar e Fitness > Não À Automutilação

descrição:

Porque de cima, posso ver o mundo, mas não e nunca a mim mesmo.

idioma:
Português (Brasil)
categoria:
Saúde, Bem-estar e Fitness
tipo:
moderada
privacidade do conteúdo:
aberta para não-membros
local:
Brasil
criado em:
18 de agosto de 2006

Qual o significado do corpo para você?

Início > Comunidades > Saúde, Bem-estar e Fitness > Não À Automutilação > Enquetes > Qual o significado do corpo para você?

Sabemos que a sociedade contemporânea põe o corpo no centro dos debates. Mas, como você percebe o seu corpo?
Criado por: Dayse

- ☐ Espaço de prazer.
- ☐ Prisão.
- ☐ Não tem importância.
- ☐ Espaço de dor.
- ☐ Outras.

☑ Meu voto está visível para outros

mostrar resultados e comentários » **« voltar para pesquisas** votar

excluir
denunciar spam

---

comentários

J.
um templo ^^

✔ Outras.

A.
gente meu corpo infelizmente nessa vida sou eu,tento cuidar o maximo q posso dele pena q as vezes naum consigo.
Prazer
dor
imagem

✔ Outras.

F.
meu corpo é só a casca... não ligo pra ele

✔ Não tem importância.

G.
espaço de prazer e dor.
nem sempre dor é prazer

✔ Outras.

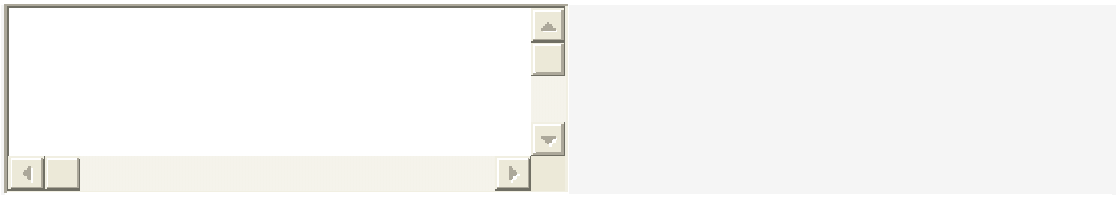
P.
O corpo pode dar prazer de inúmeras maneiras... Ele é o portal de entradas para prazeres físicos e emocionais... A primeira coisa que vem à mente quando é citado "espaço de prazer", é a menção ao ato sexual.... Mas é possível obter prazer através do corpo quando tomamos um sorvete, vemos um filme que há muito termpo queriamos ver, ou então quando deitamos para dormir depois de um dia "daqueles"... O sexo tbm entra nessa lista mas vai saber se quem postou a enquete quis dizer???

✔ Prisão.

H.

✔ Prisão.

novo comentário



enviar **cancelar**